



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Aldenir Rodrigues dos Santos

**MEMÓRIA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO LIBERDADE NA FORMAÇÃO
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: A HISTÓRIA DE UM POVO CAMPESINO**

Marabá-PA

2020

Aldenir Rodrigues dos Santos

**MEMÓRIA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO LIBERDADE NA FORMAÇÃO
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: A HISTÓRIA DE UM POVO CAMPESINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa

MARABÁ

2020

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Santos, Aldenir Rodrigues dos

Memória do Projeto de Assentamento Liberdade na formação em educação do campo: a história de um povo campesino / Aldenir Rodrigues dos Santos ; orientador, Lucivaldo Silva da Costa. — Marabá : [s. n.], 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2020.

1. Trabalhadores rurais - Condições sociais. 2. Assentamentos humanos - Aspectos sociais. 3. Trabalhadores rurais - Narrativas pessoais. 4. Memória autobiográfica. 5. Educação rural. 6. Assentamentos humanos - História. I. Costa, Lucivaldo Silva da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.563

Elaborado por Alessandra Helena da Mata Nunes - CRB2/586

Aldenir Rodrigues dos Santos

**MEMÓRIA DO PROJETO DE ASSENTAMENTO LIBERDADE NA FORMAÇÃO
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: A HISTÓRIA DE UM POVO CAMPESINO**

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Educação do Campo da Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA,
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciatura em Educação do Campo, com
habilitação na área de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa

Data de aprovação: 06/03/2020, Marabá – PA,

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa – UNIFESSPA
(Orientador)

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas– UNIFESSPA
(Avaliador I)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Macedo Alencar- UNIFESSPA
(Avaliadora II)

Dedico este memorial aos meus filhos, esposa, netos, compadres, amigo/as e aos meus professores, por me incentivarem a não desistir dos meus objetivos e concluir mais uma graduação.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo dom da vida e as oportunidades concedidas para a realização de meus sonhos, ele que sempre foi meu guia e mestre nas caminhadas. A vida é uma dádiva e Deus é o centro de todo processo.

A minha esposa que sempre esteve comigo nos momentos de alegria e tristeza. Sempre acreditou e confiou no meu trabalho.

A meus filhos, razão maior que fez eu ir atrás de meus sonhos, as lutas e buscas de melhorias, o que fiz e faço é pensando neles.

Aos meus amigos de curso: estudar com vocês foi muito bom, a final, formamos uma família em que todos compartilhavam os momentos bons e ruins.

A minha mãe que sempre acreditou que um dia eu venceria algumas barreiras e chegaria ao tão sonhado sonho, a ela dedico todo meu amor, carinho e respeito.

A meus compadre e comadre que sempre estiveram me apoiando com palavras de incentivos.

A meus irmãos, por mais que estejam distantes, nos momentos necessários me apoiaram com palavras e financeiramente também.

A meus tios, tias, primos, sobrinhos que sempre acreditaram e apoiaram minhas decisões.

A meus afilhado/as que sempre me trataram com respeito e carinho.

A meus netos: Adila Lohana, Luís Gustavo e Alexandre que é a alegria da casa.

A meus amigos e amigas do PA/Liberdade em especial José, Vangel, M^a Dalia, Euza, Raimundo Hortêncio que muito contribuíram para a construção deste trabalho como outros dos tempos comunidade, concedendo entrevistas.

A meu saudoso pai, que nas batalhas da vida sempre foi inspiração para mim não desistir de meus objetivos, tudo que sou, devo a ele que nos ensinou a lutar pelos nossos objetivos sem precisar passar por cima das pessoas.

A todos deixo meu agradecimento, **OBRIGADO!**

Lista de siglas

EJA- Educação de Jovens e Adultos

FETAGRI-Federação dos Trabalhadores e Agricultores do Estado do Pará

INCRA-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

KM- Quilômetros

LPEC-Licenciatura Plena Educação do Campo

MST-Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

PA- Projeto de Assentamento

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFPA-Universidade Federal do Pará

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: estrada dentro do Assentamento Liberdade.....	28
Figura 2: distribuição de energia no PA.....	29
Figura 3: distribuição de energia na vila.....	29
Figura 4: 1º transporte.....	31
Figura 5: transporte atual.....	31
Figura 6: primeira escola do Assentamento Liberdade.....	32
Figura 7: Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardim da Esperança.....	32
Figura 8: colheita de arroz.....	33
Figura 9: Pessoas sentada sobre o Paiol de arroz.....	34
Figura 10: Pastagem no assentamento.....	34
Figura 11: Produção de leite no PA/Liberdade.....	35
Figura 12: Matas do PA/Liberdade.....	36
Figura 13: Pastagem do PA/Liberdade.....	36

RESUMO

Trazer à tona as trajetórias de uma caminhada e produzir relatos da comunidade de pesquisa é além de tudo, buscar reconstituir um passado através das memórias que ficaram gravadas na mente. Pretendendo apresentar minha trajetória nos contextos sociais/comunitário, familiar, estudantil e profissional, para isto, o mesmo está desenvolvido em fases: a primeira faz um relato de forma geral sobre o PA/Liberdade com ênfase nos relatos dos entrevistados. Estas memórias estão sempre presente nos remetendo um passado, construindo o momento e pensando futuramente. Lembrar de uma trajetória é sempre voltar ao passado e sentir novamente o que aconteceu e para nos ajudar nesta construção das memórias, Bobbio (1997), (LOWENTHAL, 1981, p. 75 *apud* DELGADO, 2016, p. 16), fortalece essa ideia. A segunda fase apresenta um breve histórico do PA/Liberdade que foi construída a partir de entrevista de moradores daquela comunidade, os mesmos em suas entrevistas falam com muita propriedade do que aconteceu dentro do PA. Os entrevistados foram escolhidos por serem moradores daquela comunidade desde o início da criação do assentamento até os dias atuais e conhecem a realidade da comunidade. Falam com propriedade a história da comunidade e fazem destaque de algumas áreas como: saúde, transporte, educação.

Palavras-Chave: PA/Liberdade. Memória. Educação do Campo. Formação acadêmica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A MEMÓRIA COLETIVA SOCIETÁRIA	12
3 LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO PA/LIBERDADE	15
4 A COMUNIDADE DO PROJETO DO ASSENTAMENTO LIBERDADE.....	22
5 MEMORIAL DA COMUNIDADE.....	24
5.1 Caracterização da Comunidade (Área de Estudo)	24
5.2 Saúde	25
5.3 Estrada Do PA/Liberdade	27
5.4 Energia do Assentamento.....	28
5.5 Telefonia/Comunicação	30
5.6 Abastecimento De Água	30
5.7 Transporte do PA.....	30
5.8 Educação Escolar no PA/Liberdade	31
5.9 Produção de Alimentos no PA	33
6 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	36
7 CONCLUSÃO.....	39
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	40
ANEXOS: ENTREVISTAS COM OS MORADORES DO PA/LIBERDADE	42
IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA 01.....	42
IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO 02	50
IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO 03	64
IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA 04.....	75

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um breve histórico da criação do Projeto de Assentamento Liberdade. O mesmo tem a finalidade de reproduzir memória que permanecem gravadas na mente remetendo um passado que deixou muitas marcas na vida das pessoas que lutaram pela desapropriação da terra. Segundo Lowenthal (1981) “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”. (LOWENTHAL, 1981, p. 75 apud DELGADO, 2016, p. 16).

Reproduzir as lembranças do passado para a construção da memória, despertou nos entrevistados lembranças que marcaram fatos importantes na vida daqueles sujeitos. As lembranças nos remetem momentos bom e ruim. Ao longo deste trabalho será apresentado o que a memória dos entrevistados conseguiu reproduzir por conter momentos de idas e voltas, pois ao longo da descrição do mesmo (re)avivação da memória levou-nos a momentos que foram de alegrias, mas também muitos deles dolorosos que abalou totalmente o emocional. Lowenthal (1998) diz que:

Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado (LOWENTHAL, 1998). “A memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio a ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (PINTO, 1998, P. 307).

A memória do passado é uma recordação dos acontecimentos que não conseguimos esquecer, pois foram fatos marcantes que ficaram as lembranças. A volta ao passado é uma lembrança do que foi marcante, uma comparação com realidade atual e uma proposta do futuro.

A memória consegue (re)produzir os fatos mais marcantes e com isto, as pesquisas de campo que foram realizada ao longo do curso de Educação do Campo com moradores do Projeto de Assentamento Liberdade foi possível obter relatos de momentos muito marcantes na vida daqueles sujeitos.

Nas narrativas obtidas os entrevistados destacaram pontos que marcou a vida daqueles sujeitos quando iniciaram a luta pela posse da terra, os mesmo foram bem enfáticos em suas falas destacando pontos como: estradas, saúde, transporte, educação, produção de alimentos, fonte de renda, iluminação publica. Com estes dados de informações pode-se desenvolver este trabalho.

2 A MEMÓRIA COLETIVA SOCIETÁRIA

À memória, enquanto fenômeno individual e psicológico é atribuída diferentes pontos de vista conforme a área de conhecimento (Antropologia, Filologia, Psicologia, Psiquiatria, Geografia, Biologia, Neurofisiologia etc.), que se alimentam em uma sociedade e se desenvolvem. Dessa forma, podemos dizer que a memória está ligada à vida social.

Assim, podemos considerar a memória como componente essencial de/da vida, das particularidades do sujeito à totalidade societária, da individualidade à coletividade, da memória individual à memória coletiva.

A memória coletiva societária tem muito a corroborar na construção deste trabalho unindo três sujeitos; eu, comunidade acadêmica e comunidade de pesquisa na graduação em educação do campo pela UNIFESSPA. A memória é um processo psíquico que está ligada a vida individual, coletiva e acadêmica, volta ao passado, descreve o presente e planeja o futuro.

Através da memória é possível construir uma relação com a comunidade de pesquisa na formação acadêmica no curso de Educação do Campo interligando pesquisa-ação, comunidade e conhecimento científico.

A formação em Educação do Campo tem o objetivo de aproximar homem/campo e formação acadêmica, nesta perspectiva segundo o PPC (Projeto Pedagógico do Curso), *“a educação do campo é uma proposta abrangente que visa à formação do homem do campo e também a valorização no que diz respeito ao espaço, tempo e modelo de currículo, que mobilize as atividades campesinas abrangentes a toda a família, bem como as estratégias para o desenvolvimento sustentável”*. O PA/Liberdade por ser a comunidade de pesquisa ao longo da formação acadêmica possibilitou-me construir relação espaço, tempo, comunidade e academia, isto porque em 1996, após oito anos de tramitação, uma nova LDBEN (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) foi aprovada pelo presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, a Lei n. 9394/96 que revogou as anteriores. E, em seu artigo 1º, apregoa que:

A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996 p.4).

A LDB 9394/96 possibilitou a universidade criar o PPC voltado para a realidade do homem do campo e o curso permite abranger os processos formativos na vida familiar, na

convivência humana, nos movimentos sociais. Portanto, aproximar o homem da própria realidade é permitir que este constituísse seu próprio caminho.

Com isto, o campo em quanto local de formação do sujeito está respaldado por lei que assegura o direito de criar seu próprio currículo na finalidade de atender a comunidade ampliando as oportunidades.

Brasil (2013) afirma quando diz que os projetos político-pedagógico das escolas do campo, indígenas e quilombolas devem contemplar a diversidade nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, estéticos, de gênero, geração e etnia (BRASIL, 2013, p. 126). O homem do campo enquanto membro de uma sociedade ganha o direito de construir o currículo. O princípio da educação do campo é a inclusão e o reconhecimento dos sujeitos do campo como cidadãos do processo educacional e de sua própria identidade. Assim, sua essência pedagógica e metodológica deve ser específica para pessoas do campo em seu espaço cultural, sem abrir mão de sua pluralidade como fonte de conhecimento em diversas áreas Bergamasco (2013).

A inclusão da educação do campo tem sido um desafio para a sociedade camponesa, porém, as lutas dos movimentos sociais ganharão relevância depois de muitas lutas e a partir da LDB 9394/96 que assegura o direito de construir a matriz com a realidade cultural de cada comunidade. Segundo Fernandes & Molina, (2004), o campo é um local de particularidades e matrizes culturais. É um espaço de possibilidades políticas, formação crítica, resistência, mística, identidades, histórias e produção das condições de existências sociais. Assim, cabe à educação do campo, o papel de fomentar reflexões que acumulem forças e produções de saberes. Saberes estes que dialogam com a realidade de uma comunidade ou grupo social.

A educação do campo tem o papel de construir a identidade da comunidade através das ações que estão respaldadas no Projeto Político Pedagógico que é voltado para as causas e desafios de um grupo na valorização da cultura.

Para Morigi (2003), a Educação do Campo deve ser aquela que assume a identidade do meio rural, comprometida com um Projeto Político Pedagógico voltado às causas, desafios, sonhos, história e cultura daquele que vive e atua no campo. Por trabalhar com mudança de conteúdo e forma de funcionamento, a Educação do Campo não perde de vista o ser humano em seu envolvimento no processo de formação e de construção da sociedade.

O campo é um espaço de construção de sonhos, histórias e culturas. Valorizar esses contextos possibilita aos sujeitos o direito de criar política específica a comunidade na construção de seus objetivos.

Portanto, a comunidade pesquisada (Projeto de Assentamento Liberdade), tem buscado construir seus próprios objetivos a fim de desenvolver atividades na construção do meio de vida como afirma a entrevistada quando diz “*Temos nossas criações. Temos nossa independência do nosso sustento*”. Percebe-se que a comunidade está sempre na luta por melhoria e quando a entrevista faz este comentário ela remete o passado de quando chegaram à comunidade os moradores não tinham a vida de hoje. Carter corrobora quando diz que:

a recordação acontece a partir do acontecimento em questão, pois ele estimula a lembrança de memórias adequadas e que já estão armazenadas, sendo que, toda vez que essa memória é recordada ela também sofre uma leve alteração para acomodar uma nova informação. Essa alteração, ainda que leve, pode criar memórias falsas (CARTER *et. al.* 2009).

A memória da entrevista é a de longo prazo por ter constituído uma história de luta permitindo mudanças ao longo dos anos, isto ocorreu porque deixou uma história de sofrimento permitindo o cérebro armazenar um percurso construído de muitos anos.

Kandel (2009, p. 149) ressalta ainda que:

hoje, temos razões para acreditar que a memória de longo prazo é armazenada no córtex cerebral. Além disso, seu armazenamento ocorre na mesma área do córtex cerebral que processou a informação originalmente – ou seja, as memórias das imagens visuais são armazenadas em diferentes áreas do córtex visual e as memórias das experiências táteis são armazenadas no córtex somatossensoriais.

A memória das experiências são arquivadas no córtex e isto se (re)afirma na fala da entrevistada quando comenta a chegada no assentamento e faz uma comparação com os dias atuais, “a diferença foi muito grande! Nesse tempo a nossa propriedade era só mata, não tinha uma pequena abertura, muita malária que a gente sofreu. Não tinha uma pequena estrutura, nem escola nem igreja, só foi formada uma pequena associação de moradores. Foi uma luta muito grande para conquistar a desapropriação, a gente sofreu demais sem moradia digna, sem escola, a gente sofreu bastante nesse lugar, mas só que hoje já há 19 ano residindo na mesma localidade já melhorou muito, hoje temos estrada, não muito boa, mas temos, e já temos energia, temos uma moradia mais ou menos digna” (DALIA, 2015).

Fica claro que a memória arquiva o que marcou uma situação, seja ela positiva ou negativa. A entrevistada relatou momentos que deixaram marcas em sua vida como também dos moradores do assentamento e, com as informações dos moradores percebe-se que a conquista da terra é resultado da luta de um grupo que se uniram com os mesmos objetivos: conquistar seu próprio espaço na sociedade.

3 LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO PA/LIBERDADE

Enquanto sujeito ativo na sociedade a memória desenvolve atividades que contribui socialmente para a lógica do conhecimento e desenvolvimento do sujeito. Com isto, a formação acadêmica possibilitou um diálogo com a comunidade de pesquisada entrelaçando tempo, espaço e comunidade acadêmica. Contudo, Kandel (2009, p. 74) ressalta que “a memória humana está sempre se reinventando. Toda vez que lembramos de alguma coisa, essa lembrança se modifica um pouco”. Ainda que sintamos as mesmas sensações, não nos lembramos exatamente como foi a informação vivenciada. Mas temos lembranças dos fatos, mesmo não sabendo descrevê-lo dentro de sua totalidade.

A memória é uma lembrança que se reinventa ao longo do tempo. Izquierdo (2009) afirma que somos o que lembramos, e destaca que somos aquilo que nosso cérebro faz de nós e, mais do que isso, somos aquilo que ele armazena em seu interior ao longo da vida. Entender como se dá o processo de armazenamento de informações não é tão simples, o cérebro é o órgão mais complexo e misterioso organismo humanismo.

A memória possibilita a construção da identidade de um grupo social e com depoimentos de moradores do PA/Liberdade e orientações da faculdade abriram-se caminhos para a produção deste trabalho.

No primeiro tempo comunidade foi entrevistada uma moradora do PA/Liberdade e quando questionou sobre a memória de um momento de grande decepção na comunidade a mesmo comentou: “as vezes a gente tem. Tenho com certeza, porque no meio de nós tem pessoas que pode nos decepcionar. E uma das decepções foi quando nós tivemos que formar outra associação porque o trabalho deles (da primeira associação) não batiam com o trabalho digno que a gente queria, então fomos obrigados a criar outra associação”. A memória da entrevistada é uma memória coletiva, pois a mesma lembra de uma entidade que foi criada em prol de todos os moradores, mas pelo fato de não desenvolver ações como era esperada o grupo se dividiu e com isto criaram outra associação para atender suas necessidades.

A associação citada pela entrevistada foi criada e isto foi o elo da divisão dos moradores, um grupo por não entender o porquê da divisão e o outro por entender que a primeira associação não atendia as necessidades de todos.

O segundo entrevistado comentou que: “Associação em primeiro lugar. A associação era o órgão que lutava por todos, o que era decidido em grupo todos obedeciam e juntamente

com o sindicato iam aonde era preciso, por isso, nós se apegávamos mesmo a nossa entidade que era a associação em primeiro lugar”.

A associação foi o órgão fundamental no enfrentamento da desapropriação da terra, através dela que os moradores lutaram juntamente com as entidades contra o fazendeiro para conquistarem a terra. Após a desapropriação começou a surgir os projetos para o PA, com isto começou os desentendimentos dos membros da associação o que fez a divisão de ideias do grupo, criando assim outra associação.

Com a criação de mais uma associação o grupo foi dividido e isto não foi bom para a comunidade. Alguns projetos deixaram de ser implantados porque a comunidade dividida não tinha mais a mesma potencialidade para lutar.

Os conflitos dos moradores fez com que as atividades que eram desenvolvidas em grupos perdessem a potencialidade, isto foi o elo para o individualismo.

Quando questionado se as associações contribuiu no individualismo da comunidade um entrevistado respondeu que sim, porque a divisão do grupo gera conflitos e isto não é bom para a comunidade “duas associações gera uma desentendimento na comunidade, quando consegue um projeto a outro faz criticas”.

A divisão da associação na comunidade promoveu a desunião de um grupo que no inicio do assentamento eram bem unidos, isto não foi bom porque os conflitos de ideias trouxeram a desunião para algumas famílias e, com isto a associação perdeu a força de lutar em prol da comunidade.

O que a associação tinha como proposito depois da desapropriação da terra era lutar pela saúde, pois dentro da comunidade ainda não tem um atendimento médico para atender as famílias o que dificulta a vida dos moradores.

O entrevistado José (2015) comentou:

“a associação em primeiro lugar, mas a divisão da mesma as atividades que eram de responsabilidade dela perderam a força, e por gerar briga muitos membros pediram a desfiliação e isto enfraqueceu totalmente nossa entidade. As reuniões hoje aparecem somente os membros do conselho o que não dá para tomar decisões. Então, a força que uma associação tinha as duas hoje não tem, tudo isto depois dos conflitos de ideias e a divisão dos grupos (JOSÉ, 2015 P.67).

A associação por ser o órgão representativo daqueles sujeitos na comunidade, os projetos para o assentamento eram conquistados através dela juntamente com as entidades regionais, estaduais e municipais e com os conflitos que gerou a divisão ficou mais difícil à conquista de projetos para os moradores e, por isto a saúde continua sendo um desafio para os moradores.

Segundo Wautier (2001), diz que:

“A principal função das associações é, sem dúvida, uma função social: constituídas de membros solidários, elas visam à constituição de uma comunidade de interesses baseada na defesa de direitos sociais iguais. Elas visam à criação de formas de inserção social e de responsabilização, assumindo o papel de mediação entre os cidadãos e instituições.” (WAUTIER: 2001; p.11).

Quando gera a divisão de membro de uma instituição, essa por sua vez perde o papel de mediadora e a entidade deixa de desenvolver seu verdadeiro papel que é a função social.

Ammann (1978) corrobora:

“A participação não representa um fenômeno insulado e incidental, nem tampouco significa um estado que se registre independente de contingências históricas e de componentes psico-culturais de uma dada população: ela constitui-se num processo dialético, numa prática quotidiana, que obviamente carece de requisitos para sua demarcação e sua consolidação” (AMMANN: 1978; p. 27).

Sem a colaboração social os moradores da comunidade ficam independentes o que dificulta nas ações de alguns projetos, isto não é bom para o grupo.

Outro tema pautado nas entrevistas foi à escola da comunidade, segundo os entrevistados as lutas por uma escola no PA foram grandes e, para início a prefeitura do município contratou uma professora, o prédio para funcionar a escola foi cedido por um morador da comunidade.

Percebe-se que a escola do assentamento é resultado da luta dos moradores da comunidade que mesmo diante das dificuldades foram atrás dos órgãos governamentais para proporcionarem uma educação a seus filhos. Depois da desapropriação da terra a escola ganhou uma nova estrutura; foi construída com uma sala de aula, uma cozinha, uma secretaria, dois banheiros; um masculino e um feminino, água encanada, cadeiras e mesas, iluminação pública, ventiladores.

Mesmo com toda estrutura a referida escola não atende a demanda de alunos da comunidade e por isto, o governo municipal alugou um barracão que funciona uma sala de aula e também serve de alojamento para os professores que trabalham por disciplina, pois a turma que funciona neste local são alunos do 6º ao 9º ano em nível modular, o que é diferente do Ensino regular. O ensino regular trabalha todas as disciplinas simultaneamente. No "Sistema Modular Ensino Intensivo e Excludente" cada disciplina é trabalhada de forma individual (uma por vez), por um período de tempo que atende às exigências de sua carga horária anual.

Já a sala do prédio escolar atende alunos do ensino regular, ou seja, do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental 1.

Mesmo depois de muitas mudanças a escola da comunidade não recebeu estrutura para atender todas as necessidades dos moradores e para que os alunos não fossem prejudicados totalmente, a comunidade aceitou a educação modular.

Para atender as necessidades educacionais da comunidade a prefeitura do município colocou um micro-ônibus que faz a locomoção dos discentes de suas casas até a escola e da escola até a casa. Esse atendimento funciona em dois turnos: matutino e vespertino como afirma a entrevistada Euza (2015);

O prefeito colocou um micro-ônibus para levar os alunos até a escola, pois nem todos os pais de famílias tem um transporte, por isto facilitou um pouco a vida dos estudantes da comunidade. Antes tinham que andarem a pé até a escola. Tem alunos que moram longe e tinham que vir de bicicleta ou a cavalo. Hoje melhorou muito a educação em nossa comunidade.

Sabemos que todo inicio de comunidade há muitas dificuldades e entre elas estar à educação que ainda é um desafio para muitos. Nesta comunidade não foi diferente, mesmo com a luta dos moradores por uma educação, esta ainda não atende toda demanda do local, a referida escola não oferta o ensino médio, os alunos ao concluírem o 9º ano precisam se deslocar 37 quilômetros para a cidade mais próxima que é São Domingos do Araguaia-Pa, onde cursam o ensino médio.

O curso de Educação do Campo na modalidade tempo, espaço e comunidade tem o objetivo de direcionar o aluno a comunidade na perspectiva de fazer com que seja compreendida a vida dos sujeitos do campo para a formação de novos conceitos educacionais a fim de entender as necessidades deste grupo dentro de sua cultura social, politica e comunitária.

Enquanto sujeito aprendiz da realidade de um grupo comunitário, o curso de Educação do Campo refere-se à formação docente para atuar na educação básica e tem como objetivo geral formar professores para atuar em escolas do campo nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, respeitando e valorizando a diversidade presente nas comunidades e seguindo a integralização dos componentes curriculares que compõem a matriz curricular.

A matriz curricular do campo atende os interesses sociais, políticos e culturais. Caldart (2005) corrobora:

Nossa proposta é pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo. Isto quer dizer que se trata de pensar/projetar a educação (política e pedagogia) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico (CALDART, 2005, p. 20).

O pensar a educação do campo como processo de construção do conhecimento de trabalhadores e trabalhadoras rurais, valoriza as tradições culturais de um grupo em determinadas condições sociais. O mesmo está fundamentado em seus objetivos de acordo o dicionário de educação do campo:

- Formar professores para o exercício da docência multidisciplinar em escolas do campo nas áreas de Ciências Humanas e Sociais ou Matemática;
- Desenvolver estratégias de formação para a docência em uma organização curricular por áreas de conhecimento nas escolas do campo;
- Contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas em espaços não-escolares, com atividades/projetos que contemplem diferentes sujeitos do campo;
- Formar licenciados aptos a realizar a gestão de processos educativos no campo, que respeitem a identidade dos camponeses e a diversidade presente nas comunidades;
- Construir, coletivamente, alternativas para o problema da nucleação nas escolas do campo da região;
- Contribuir na elaboração de alternativas para a organização do trabalho pedagógico no campo, que busque superar as desigualdades de oportunidade de escolarização;
- Estabelecer formas de integração entre os licenciandos e os movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores rurais e escolas das redes municipal e estadual;
- Fomentar a integração entre conhecimentos científicos e populares, na busca pelo respeito à diversidade de saberes, em prol de um projeto de desenvolvimento no/para o campo;
- Valorizar e contribuir para o controle social da qualidade da educação escolar e não escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo, Dicionário da Educação do Campo (2012).

A finalidade do curso de educação do campo é proporcionar o direito a educação a todos os sujeitos que mora no campo, atendendo as necessidades da comunidade.

O curso de Educação do Campo vai além da sala de aula e eu como sujeito ativo neste processo ao estudar e entrevistar moradores assentados percebi a necessidade de políticas públicas dentro dos assentamentos com um olhar mais atento a realidade da comunidade.

As orientações da faculdade para pesquisa de campo são ricas, nos permite entender a realidade de um grupo que dentro de seu/sua espaço/comunidade precisam ser visto pelo poder público e atendido dentro da realidade que os cercam.

Nesta dimensão, o curso em Educação do Campo está à memória das pesquisas que foram realizadas na comunidade. Pesquisas estas que contribuíram no processo de formação acadêmica.

O conceito de trabalhar a realidade de uma comunidade é louvável, porque corrobora na construção de um novo aprendizado.

As orientações do tempo comunidade despertaram-me a desenvolver métodos inovadores para atender as necessidades educacionais da comunidade. Com isto, procuro colocar em prática o conhecimento adquirido ao longo do curso, a fim de proporcionar/valorizar a cultura de um determinado grupo.

Trazer a história da comunidade para o contexto escolar revitaliza a cultura e fortalece os laços tradicionais de uma determinada classe, grupo ou etnia.

A escola do campo ganhou reconhecimento de seu próprio currículo e do Projeto Político Pedagógico como afirma Brasil (2013):

I – Reconhecimento de seus modos próprios de vida, suas culturas, tradições e memórias coletivas, como fundamentais para a constituição da identidade das crianças, adolescentes e adultos;

II – Valorização dos saberes e do papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo, seu ambiente natural e cultural, assim como as práticas ambientalmente sustentáveis que utilizam;

III – Reafirmação do pertencimento étnico, no caso das comunidades quilombolas e dos povos indígenas, e do cultivo da língua materna na escola para estes últimos, como elementos importantes de construção da identidade;

IV – Flexibilização, se necessário, do calendário escolar, das rotinas e atividades, tendo em conta as diferenças relativas às atividades econômicas e culturais, mantido o total de horas anuais obrigatórias no currículo;

V – Superação das desigualdades sociais e escolares que afetam essas populações, tendo por garantia o direito à educação; Os projetos político-pedagógicos das escolas do campo, indígenas e quilombolas devem contemplar a diversidade nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, estéticos, de gênero, geração e etnia. (BRASIL, 2013, p. 126).

Conhecendo o PPP, PPC e o currículo da educação do campo, fez-se entender a necessidade de desenvolver atividade que contextualiza a realidade da população dentro dos aspectos sociais, político e culturais.

Portanto, a Educação do Campo ganhou espaço social e o direito de construir seu próprio currículo, porém, isto é resultado de uma luta dos movimentos sociais em prol de uma educação comprometida com a realidade de uma população, grupo ou etnia.

Com as pesquisas e a convivência ao longo de dois anos na comunidade, percebi a importância de estudar a realidade de uma comunidade. O conhecimento adquirido através da realidade do sujeito nos possibilita entender e contextualizar nosso aprendizado para trabalhar a necessidade da comunidade.

O que foi ouvido, vivenciado e debatido na comunidade, servirá de instrumento para atender as necessidades educacionais da comunidade. No entanto, trazer a história da comunidade, as práticas sociais, econômica e atividades do dia a dia para a sala de aula, são ferramenta que irá fortalecer as tradições, costumes, crenças, cultura na vida de um determinado grupo.

A Educação do Campo procura fortalecer a vida do homem camponês, valorizando as atividades que este desenvolve no dia a dia e produzindo conhecimento na sala de aula.

4 A COMUNIDADE DO PROJETO DO ASSENTAMENTO LIBERDADE

Este trabalho foi construído a partir de dados coletados de moradores do projeto de Assentamento Liberdade durante as pesquisas de campo orientadas pela faculdade. Para conseguir as informações do assentamento percorri 35 km de estrada de chão. O PA está localizado no município de Marabá distante da sede 75 km.

As informações contidas neste trabalho foram obtidas através de visitas a aqueles sujeitos assentados. Foram entrevistadas 4 (quatro) moradores do assentamento que fizeram uma abordagem sobre os acontecimentos históricos da comunidade, principalmente do surgimento até os dias atuais. Visando produzir um documentário de boa qualidade, apropriou-se de materiais que pode acompanhar todo o anúncio dos entrevistados sem deixar que desperdiçasse qualquer comentário que é de grande importância para o levantamento deste histórico. As descrições expostas neste, são totalmente retiradas das falas das pessoas que fizeram a explanação da história do assentamento.

O que me levou a desenvolver o trabalho nesta comunidade foi o conhecimento que tenho com as pessoas que moram no PA. Também já morei no mesmo local e isto, me despertou o desejo de conhecer mais a fundo como surgiu o assentamento e como vive hoje as pessoas que continuam morando no mesmo local até os dias atuais. Sabendo que a forma de produção hoje é diferente, busquei conhecer um pouco sobre as formas que são desenvolvidas. Observando a fala dos entrevistados, os mesmos comentaram que a produção no início do assentamento era a agricultura e hoje a maior produção é a pecuária como a criação de bovinos e produção de leite.

O critério de seleção dos assentados para realização da entrevista foi por eles serem pessoas conhecedoras da história da criação do assentamento como também, dos acontecimentos históricos do local.

Entre os entrevistados está a professora que fundou a primeira escola do assentamento, a mesma foi selecionada por considerar uma pessoa muito importante para conceder informações que ajuda a esclarecer melhor o processo da educação da comunidade, a mesma acompanhou todos os processos de desenvolvimento do PA, como também define passo a passo a história do colégio do assentamento. Os outros entrevistados foram escolhidos por serem pessoas conhecedoras de tudo que já aconteceu dentro do assentamento, e por esta razão fez com que os escolhessem.

Portanto, depois de colher as informações com os moradores e saber a história da comunidade pesquisada, iniciou-se o processo da transcrição das falas dos sujeitos. Com todas as informações tornou-se possível desenvolver esta produção.

Após construir o primeiro Tempo Comunidade deixei uma cópia na escola para que esta história seja sempre vista por todos que tiverem interesse em conhecer a história da comunidade, que este seja também trabalho para estudo dos discentes do assentamento a fim de promover um aprendizado em que estes sujeitos conheçam a história do local em que moram que é muito importante para o desenvolvimento do lugar. Então, tudo isso fez com que procurasse este setor para desenvolver o trabalho, porém com isto facilitou desenvolver a entrevista e coletar os dados necessários para realização do mesmo.

No entanto, a comunidade pesquisada faz parte de minha história de vida porque morei nesta um período de 5 (cinco) anos. Fui membro da associação por 4 (quatro) anos e o que me levou a fazer esta pesquisa, foi por ter convivido nesta comunidade um bom período e ter construído uma história como acampado. Hoje não faço mais parte da mesma, mas, tenho uma grande influência por desenvolver algumas atividades junto aos assentados como: celebrações, encontros religioso, reuniões da associação e ter trabalhado em sala de aula aos finais de semana para uma turma que estava fazendo o ensino médio magistério.

5 MEMORIAL DA COMUNIDADE

O PA/Liberdade está localizado no município Marabá cerca de 75 km setor rural, tendo como cidade mais próxima São Domingos do Araguaia-Pa, com uma distância de 35 km, é uma área que habita 90 famílias, faz divisa com as fazendas do setor Centrão, São Domingos do Araguaia e Capoeiras.

Para a coleta de informações deste PA o presente trabalho foi desenvolvido em dois momentos, no primeiro selecionei 4 (quatro) moradores que tinham maiores conhecimentos da comunidade e por terem informações precisas para a produção deste trabalho. O segundo momento concluiu-se com uma entrevista, das quais obtive as respostas necessárias para a produção deste documentário. Os entrevistados foram agricultores, agricultoras e uma professora os quais por nomes: Maria Dália Cabral-agricultora, José Gomes de Araújo-agricultor, João Evangelista dos Santos-agricultor e Euza Abadia da Penha Cardoso-fundadora da primeira escola e agricultora. Porém, também houve algumas conversas informais que deram ênfase no conteúdo e que foi muito importante para complemento deste trabalho.

5.1 Caracterização da Comunidade (Área de Estudo)

Para início do assentamento, primeiro se criou uma vila denominada Vila Trevo, esse nome foi escolhido por ficar em um local onde tem saída para Marabá, São Domingos e São Geraldo. A referida vila era o ponto de encontro e reuniões dos assentados como também o local de lazer nos finais de semana.

Ao iniciar uma briga com o fazendeiro que se apropriava da terra, os posseiros¹ resolveram criar uma estratégia em que todos ficassem juntos até conseguir o direito de usufruir da terra e com isto formaram a vila, a mesma dava acesso a todas as saídas e entradas para a fazenda, era uma forma de fazer com que o fazendeiro não colocasse pessoas para ficar trabalhando dentro da mesma.

No início do acampamento as famílias precisavam se deslocar para as fazendas para ganhar dinheiro e comprar o alimento para se manterem no local. Depois de muita luta e apossados, algumas famílias continuaram dentro da vila e montaram comercio. Durante muito tempo os moradores trocavam alimentos por mercadorias como: arroz, feijão, farinha, milho.

¹ Indivíduo que ocupa terra devoluta ou abandonada e passa a cultivá-la.

etc. Os primeiros moradores desta vila foram: a senhora Raimunda, Rubens, Herlenir, Francisco e Eumar. Todos movimentavam o comércio no local. Compravam os alimentos ou trocavam em mercadorias com os produtores.

A referida vila tornou-se o ponto de referência dos moradores nos finais de semana. A atração era jogos e após os jogos, sempre a senhora Raimunda fazia uma festinha onde todos se divertiam a noite toda.

A comunidade tem uma rotina de atividades tanto social como cultural, na cultural se desenvolve a agricultura e a pecuária, ou seja, a criação de gado e o plantio de lavouras, já na atividade social participam de alguns eventos que são realizados aos Sábados e Domingos tais como: os encontros religiosos, o futebol, visitas aos vizinhos, além das datas comemorativas que se reúnem para comemorem em grupo.

Quanto à produção para o sustento familiar, as famílias contão com alguns produtos extraídos da floresta que ajudam no sustento da casa como: cupuaçu, açaí, castanha do Pará entre outros.

Com isto, o tema aqui exposto tem a finalidade de abordar um pouco sobre o surgimento do PA/Liberdade como também apresentar algumas ações (atividades), desenvolvidas desde sua criação até os dias atuais. Dentro do contexto os subtemas mais relevantes serão saúde, educação, transporte, energia, fonte de renda. Para atender esses temas, as entrevistas do primeiro tempo comunidade com moradores assentados dentro do PA que serão fontes para construção deste capítulo.

Portanto, os entrevistados destacaram pontos cruciais que tornaram uma luta constante, tais como:

5.2 Saúde

A saúde dentro do Projeto de Assentamento sempre foi tema de debate nas reuniões da comunidade. Muitas famílias sofreram por falta de uma saúde para atender aqueles sujeitos como narra o entrevistado:

a saúde ainda é precária no assentamento, pois ainda não há um posto de saúde para atender a demanda dos assentados e isto dificulta a vida, pois muito tem se lutado para conseguir para o assentamento um posto de saúde, um agente comunitário que possa atender as famílias. Pôr ter muitos assentados idosos que precisam de acompanhamento, pois tem problema de pressão alto, colesterol entre outros problemas e para que este seja atendido se deslocam de suas residências para a cidade onde tem um atendimento médico (JOÃO, 2015).

Segundo comentários do entrevistado, a saúde no assentamento é precária por não ter um atendimento voltado as pessoas que residem na comunidade e isto, é um problema que a

comunidade enfrenta desde a criação do PA, mesmo procurando as autoridades a fim de solucionar este problema ainda não obtiveram um resultado positivo.

Por não ter um posto de saúde dentro da comunidade as famílias precisam se deslocar para a cidade a procura de atendimento médico. Na ausência de um atendimento médico família tem perdido seus entes queridos como narra o entrevistado José:

Nós não temos atendimento de saúde, e por isto um vizinho perdeu seu filho para a doença. Quando a criança adoeceu ficou tomando remédio caseiro, o pai foi levar para a cidade mais próxima que é São Domingos, mas o transporte também era difícil, quando conseguiu chegar no meio da viagem a criança faleceu, isso foi um abalo tão grande na família e pra nós que se sentimos da família e não poder fazer nada (JOSÉ, 2015).

Percebe-se que a carência de atendimento à saúde na comunidade tem causado perdas que abalou as famílias. Como afirma João (2015), “A saúde é muito precária, não tem um agente de saúde, a gente não tinha acesso as cidades a de Marabá e São Domingos, quando adoecia uma pessoa a gente tirava como podia; na rede. Era mais malária, inclusive meus meninos mesmo foram tirados umas duas vezes quase como morto, e com a ajuda do vizinho nós viajava as vezes a noite todinha até amanhecer o dia com a pessoa na rede até ter acesso a um lugar que estivesse um carro, uma linha de carro pra poder levar para a cidade e fazer exame. Era muito difícil”.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelas famílias a união fazia com que as doenças fossem enfrentadas como o entrevistado José argumenta em sua fala. “*Tem uma coisa aqui, as pessoas são muito unidas pro lado da doença! A saúde aqui não é de boa qualidade*” e quando adocece uma pessoa que precisa de ajuda a comunidade se une em prol da pessoa e contribui financeiramente para ajudar nas despesas do tratamento. Muitas vezes você não tem dinheiro para ir em um socorro rápido que você tá precisando, os vizinhos se juntam. Tenho tanto aqui! outro tem um outro valor. Um dá dinheiro outro dá uma galinha dão qualquer coisa e, se ser preciso hoje já tem um pedacinho de estrada que dá de sair de carro, mas igual uns tempos atrás que não tinha como. Tirava na rede de qualquer jeito, mas achava um jeito de sair, ai é sempre nos primeiros momentos assim” (JOSÉ, 2015).

A união dos moradores sempre foi o forte para vencer, mesmo com tantas doenças eles não deixavam se abater. Procuravam todas as formas para ajudar no momento do sofrimento.

Mesmo depois de muitos anos de luta a saúde naquela comunidade ainda não é atendida, os moradores até os dias atuais continuam se deslocando para as cidades a procura de uma consulta por não terem um posto de saúde dentro da comunidade que possa atendê-los.

5.3 Estrada Do PA/Liberdade

As estradas para o assentamento são precárias, precisam de uma estrutura para que os moradores possam ter acesso à cidade como confirma o entrevistado João:

As estradas que tem para os assentados é um percurso de 8 quilômetros e isto não dá acesso à cidade, porem nós ainda sofre com o deslocamento de nossas residências para a cidade, principalmente no inverno, pois as chuvas acabam as estradas e estas só dá acesso a saída de a pé ou moto, pois para corresponder esta carência de estrada é preciso a reforma de 37 km de estrada ligando o produtor a cidade (JOÃO, 2015).

A estrada para os moradores é um problema que ainda não foi reparado, isto dificulta muito o escoamento da produção e por esse motivo produtores deixam de produzir para não ter perdas, com isto, procuraram outra alternativa que acharam mais viáveis como a criação de gado e a produção de leite.

As estradas mesmo depois de 24 anos ainda não atende as necessidades dos moradores, quando questionado o senhor João se a estrada melhorou ou não, este disse:

Mudou! Mudou bastante. Só não mudou 100% porque tem uns lugares que não tem ponte e ai tem o inverno que fica muito difícil o acesso a cidade e ai a gente vai remendando as estradas como pode, aqui acolá aparece uma máquina de uma prefeitura a gente ajeita um pedacinho de estrada, ajunta os vizinhos também, quando tá muito ruim nós paga umas horas de máquina pra ajeitar os lugares mais preciso e ai vai levando a vida (JOÃO, 2015).

Para não ficarem presos no assentamento os moradores se reúnem e pagam maquinas por conta própria. As autoridades não dão assistência às estradas, como o prefeito do município de São Domingos mantem as estradas em perfeito estado e fica bem próxima do assentamento, os moradores se deslocam para esta cidade por ter um acesso mais apropriado.

A fala do entrevistado confirma quando ele diz: “Provavelmente nós moramos aqui no município de Marabá, mas nosso acesso mais é para São Domingos porque é mais perto e a estrada é melhor e o prefeito ajeita mais as estradas. O prefeito de Marabá quase não comparece aqui no nosso assentamento principalmente com as máquinas, com uma estrutura melhor pra poder tirar nossa escoação pra cidade que é a cidade de Marabá. Nós moramos no município dela não dá uma assistência como tinha que dá” (JOÃO, 2015).

Por falta de apoio das entidades municipais, os moradores enfrentam estradas precárias para vender ou comprar alimentos como mostra a figura abaixo:

Figura 1: estrada dentro do Assentamento Liberdade



Fonte: Arquivo pessoal

A figura apresenta revela a situação atual das estradas dentro do assentamento que mesmo depois de muitos anos, continua em situação precária para o transporte dos assentados.

5.4 Energia do Assentamento

A energia para o assentamento era uma luta incansável da associação com a Celpe desde 1997, “já sem esperança de energia para a região, os moradores se reuniram e procuraram uma empresa particular e mandaram colocar a energia, mas foram poucos que foram beneficiados, só os que tinham dinheiro para pagar a empresa. Foi só colocar energia chegou a energia do programa luz para todos” (JOÃO, 2015). Depois de desistirem da luta, em 2015 a comunidade foi beneficiada com energia para as famílias do programa do governo federal; luz para todos, mas esta não correspondeu todo quadro de moradores, ficando ainda 4 famílias sem assistência da Celpe. Hoje não tem projeto na Celpe para colocar energia para as famílias que ficaram no escuro.

Para que se firme o tema em questão um morador foi interrogado como está a situação da energia na comunidade, o mesmo comentou:

Tá boa! Assim, meia polemica no início, mas tá boa porque nós colocamos a primeira energia que nós colocamos foi particular. Ai já estava quase com 2 ano foi quando veio o projeto luz pra todos que há muito tempo nós esperávamos e nunca tinha vindo. Desiludimos daquilo e resolvemos colocar particular. Quando nós colocamos veio a do projeto luz para todos, ai ficou as 2 rede. A Celpe falou que não aceitava nossa rede, por isso ela foi desativada pra ficar a rede deles, mas agora graças a Deus resolveu o problema (JOSÉ, 2015).

Mesmo o entrevistado comentando que o problema foi resolvido, percebe-se que nem todas as famílias foram beneficiadas e que hoje sem projetos para o assentamento, aqueles que não foram contemplados com o programa, já não tem mais esperanças de serem beneficiados.

Depois da rede de energia instalada na comunidade a Celpa deu treinamento para um morador, para que este dê assistências as famílias quando houver problemas na rede.

A rede elétrica faz parte dos projetos das famílias, é um sonho que foi conquistado após muitas viagens a Marabá e muitas conversas com a rede Celpa. Após 21 anos de briga pela energia, finalmente chegou para beneficiar os moradores assentados como mostra a figura 2 e 3.

Figura 2 e 3: central de distribuição de energia dentro do Projeto de Assentamento Liberdade e da vila trevo.

Figura 2: distribuição de energia no PA.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: distribuição de energia na vila.



Fonte: Arquivo pessoal

Rede de distribuição de energia para as vicinais, setor 6, São José e vila trevo. Todos os moradores recebem energia da rede central que está localizada na vila trevo e distribuída para os vicinais do assentamento.

5.5 Telefonia/Comunicação

O meio de comunicação das famílias assentadas hoje está mais acessível, porque a maioria instalou antena rural em suas residências, e isto facilitou, pois antes a comunicação era diretamente indo até o outro. Segundo João (2015), ainda falta um meio de comunicação mais acessível às famílias, principalmente na escola, pois os alunos ainda não têm onde fazer uma pesquisa, um trabalho porque ainda não tem internet. Só temos o telefone rural e este não tem como fazer pesquisa.

Por ser pai de aluno, o entrevistado diz que o meio de comunicação ainda não atende as necessidades dos moradores e principalmente dos estudantes. Só o telefone não é suficiente para os alunos desenvolver as atividades, precisa de internet para que os alunos tenham acesso às redes sociais e desenvolver pesquisas.

5.6 Abastecimento De Água

Hoje a água é encanada de cisterna feita pelas famílias, com a energia os moradores compraram bombas d'água e com isso puderam ter uma vida melhor, pois antes a água era retirada das cisternas em baldes de uma forma braçal.

No início tudo era mais difícil, a água de consumo era dos igarapés, com o passar dos tempos e as famílias ganharem uma estabilidade, conseguiram fazer cisternas e encanar água para consumo da casa e das criações.

5.7 Transporte do PA

Segunda a entrevistada (MARIA, 2015), hoje o transporte tem várias alternativas: carro, moto, cavalo, porém, o mais usado entre eles é a moto, com o desenvolvimento do assentamento todas as famílias podem comprar uma e esta hoje é o meio de transporte que mais usam, mas também tem o carro que faz linha na região que passa no assentamento 3 vezes por semana e quando algum morador faz uma compra grande, esta é transportada no carro de linha. Também tem o carro que pega o leite dos produtores e este ajuda muito as famílias nas compras pequenas que são encomendadas pelo mesmo. A figura 4 e 5 mostra o transporte que atende os moradores do assentamento.

Figura 4: 1º transporte

fonte: Mª Dalia, 2019

Figura 5: transporte atual

Fonte: arquivo pessoal.

Os dias atuais os moradores já são contemplados com várias opções de transporte. Bem diferente do início que era a cavalo ou a pé, mesmo com as estradas ruim, o transporte circula dentro do PA todos os dias e isto beneficia os moradores no auxílio as compras sem precisar os mesmos estar todos os dias na cidade. Sempre que há necessidade de compras pequenas, estas são encomendadas pelo carro da linha ou do leite.

5.8 Educação Escolar no PA/Liberdade

A escola do PA foi uma luta das famílias por uma educação para atender seus filhos. Sentindo a necessidade de uma educação formal para aqueles sujeitos, pais foram até Marabá buscar apoio do prefeito e vereadores, os mesmos deram apoio e como a comunidade já tinha a pessoa indicada para assumir a sala de aula, iniciou-se logo o processo de fazer a escola como afirma a professora Euza:

Bom, pra começar, tinha um morador da comunidade que cedeu um barraco que ele tinha, ele era um barraco de palha coberto com ubim, tinha só um comodozinho que era fechado de palha que era o apoio da professora e uma área aberta, onde tinha umas tábuas sobre uns tronco e uma mesa onde a gente mesmo fez. Umas forquilhas no chão com umas tábuas em cima era essa a estrutura da escola na época, (EUZA, 2015).

Ao mencionar a palavra ubim², a professora está falando de uma espécie de palha de folha larga que é amarrada em ripas para fazer cobertura da casa. A figura abaixo comprova a fala da professora, pois a escola era realmente como descreve em sua fala.

² Palmeira de grande poste com folha larga usada para cobrir casa.

Figura 6: primeira escola do Assentamento Liberdade



Fonte: Euza Abadio, 2019.

Segundo a professora Euza, a escola ganhou uma nova estrutura com o apoio dos pais e da prefeitura de Marabá como afirma em sua fala:

“Na gestão do Doutor Veloso eles construíram com a escola, veio material. Hoje tem uma escola bem estruturada né? construída, coberta de telha, água encanada, energia elétrica”, quando iniciou o processo de construção da escola a entrevistada já não trabalhava mais na mesma. “Quando construiu a escola na gestão do Doutor Veloso eu já não estava mais na escola, o meu período foi só 3 anos, foi 96, 97 e 98. Ai no ano que o Doutor Veloso foi eleito ao cargo de prefeito de Marabá que foi construída a escola” (EUZA, 2015).

Após a desapropriação da terra a escola foi totalmente construída pelo INCRA, tem água encanada, banheiros, cozinha, secretaria e uma sala de aula com uma central de ar. Oferece da pré-escola até o 9ª ano do ensino fundamental como mostra a figura 7.

Figura 7: Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardim da Esperança



Fonte: arquivo pessoal

Com a reforma da escola e com o aumento do quadro de alunos, o quadro de funcionários também aumentou, no início era apenas uma professora, hoje a clientela é atendida por quatro professores, duas serventes, dois vigias e uma secretaria.

5.9 Produção de Alimentos no PA

Ao chegar ao assentamento os moradores iniciaram as atividades na produção de lavouras: plantavam vários tipos de alimentos como: arroz, feijão, milho, mandioca, batata doce, etc. As atividades eram desenvolvidas em grupos, os mesmos não disponibilizavam de recursos para pagar. Quando chegava o período da colheita faziam parcerias. Formavam grupos para a colheita, quando encerrava de uma roça, se dirigiam para outra até colher todas as roças do grupo. A figura 8 mostra o grupo colhendo arroz.

Figura 8: colheita de arroz



Fonte: M^a Dália 2019.

Após colher o arroz artesanal, o mesmo era empalhado em uma espécie de casa que se chama paiol onde fica durante o ano e protegido do sol e chuva como mostra a figura 9.

Figura 9: pessoas sentada sobre o Paiol³ de arroz



Fonte: M^a Dália 2019.

Com o passar dos anos as atividades produtivas foram sofrendo mudanças. A agricultura foi perdendo espaço para a pecuária. O local de fazer a roça foi trocado pelo plantio de pastagens e a agricultura deixou de ser a forma de existência na comunidade como mostra a figura 10.

Figura 10: pastagem no assentamento

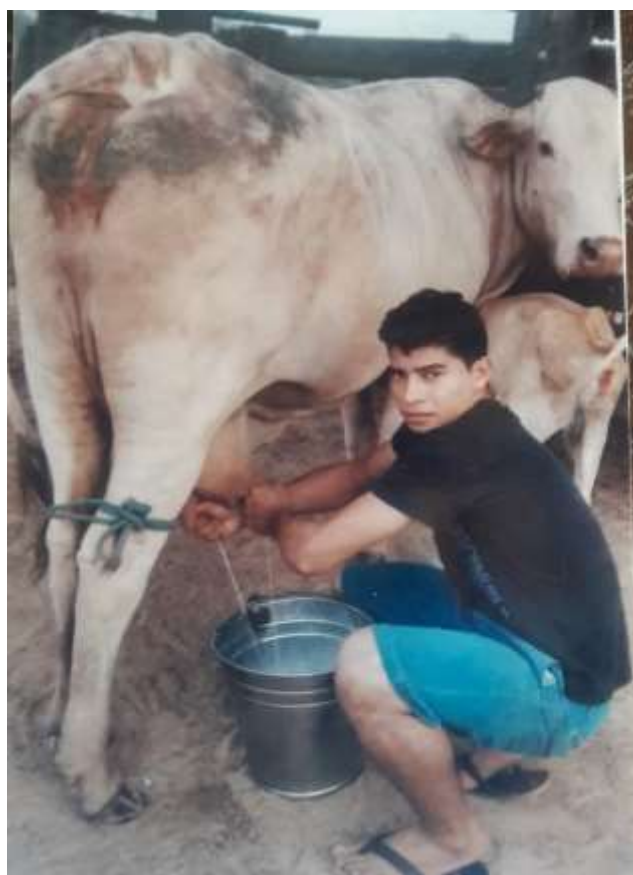


Fonte: arquivo pessoal.

Hoje o que mantem o salário das famílias é a produção de leite e a criação de gado de corte. A figura 11 ilustra a produção de leite do PA.

³ Armazém para depósito de produtos agrícolas em geral.

Figura 11: Produção de leite no PA/Liberdade.



Fonte: M^a Dália 2019.

As rendas destas famílias variam de acordo com a produção que cada um desenvolve, o produtor do leite tem uma renda mensal razoável, isto depende do tempo, porém no verão esta é reduzida pela metade porque os pastos secam. Já o produtor de polpa de frutas tem uma produção somente no período da colheita e, quando esta se encerra desenvolve outras atividades para tirar o sustento das famílias. O criador de gado de corte tem uma renda variada que depende do tamanho da terra e da quantidade de animais que cria o que faz variar a renda por não ter uma produção fixa.

6 RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao longo dos anos a comunidade do projeto de assentamento PA/Liberdade passou por grandes mudanças e para entender melhor esse processo de transformação, desde o início até os dias atuais, faz-se necessário à ilustração de fotos como mostra a figura 12 e 13.

Figura 12: Mata do PA/Liberdade



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13: Pastagem do PA/Liberdade



Fonte: Arquivo pessoal

O espaço que era ocupado por matas, hoje sede lugar para as pastagens. Depois que chegou os cadastros que assegura a proteção das margens dos córregos, os que ainda não tinham desmatado que conservaram estes espaços.

A maioria dos assentamentos criado na região sudeste é fruto da organização dos próprios agricultores em busca de terra para trabalharem e sustentar suas famílias, tendo em vista que os mesmos só são efetivados diante de muita luta, pois o INCRA nunca toma iniciativa sem a briga pela posse da terra.

O Projeto de Assentamento Liberdade, como é conhecido teve duas ocupações: uma em 1993 com cem famílias e outra em 1994, com cento e trinta e duas famílias, sendo que na primeira houve conflitos entre a empresa e os trabalhadores, a empresa que usando de sua força colocou aproximadamente 50 homens armado que torturou os posseiros e o retiraram ameaçaram com palavras de morte.

No entanto, os trabalhadores se organizaram para voltarem à terra, mas desta vez usando estratégia, as famílias foram distribuídas em núcleos e fincaram de pé no chão, ou seja, aqueles trabalhadores ao reocuparem a terra estavam decididos a enfrentarem outros conflitos e resistirem até a conquistarem aquela terra, como de fato aconteceu, pois já que os mesmo não tinham emprego na cidade e suas profissões era a agricultura, ali era onde eles viam a possibilidade de tirar o sustento da família. Ao conquistarem a terra logo surgiu a

produção agrícola que foi a base do sustento e, com o passar do tempo à comunidade foi evoluindo, se estruturando e conseguindo uma vida mais elevada.

Quando nós chegamos aqui tínhamos um só objetivo: ganhar a terra, por isso éramos muito unidos, uma união que durou um ano, período em que permanecemos juntos no mesmo local, depois de um ano cada um ocupou seu lote para trabalhar e foi trabalhar nele, porém ainda hoje as terras não foram tituladas Maria (2015).

A partir do momento em que cada morador ocupou seu lote, vieram as primeiras dificuldades como: a perda de parente por várias doenças entre elas a mais “comum” malária, picada de cobras e outras. Porém fomos mais forte do que aqueles problemas e conseguimos vencer todas as barreiras que nos deparávamos José (2015).

O governo desenvolveu vários projetos que “beneficiou” esse povo e pode promover uma estabilidade com uma melhor qualidade de vida. José (2015), Hoje os moradores do assentamento estão com uma vida estável sendo que cerca de 80% vivem da agricultura, mas, com uma renda proveniente da produção de leite e gado de corte, o resultado desse desenvolvimento deve-se também ao trabalho de mutirões realizados nos lotes para a produção de arroz, milho, feijão e outros em grandes quantidades, para depois venderem e comprar gado para a produção de leite como também os projetos desenvolvidos vieram fomentar esta estrutura que se encontra hoje no assentamento.

Em relação à infraestrutura a comunidade busca estrada, energia, posto de saúde e uma educação de qualidade que são de extrema importância para o bom desenvolvimento da mesma. Assim como buscam a implantação de um viveiro para ampliar a situação econômica e viabilizar mais emprego para os assentados do PA/Liberdade, o mesmo servirá para produção de mudas para o reflorestamento de alguns pontos na comunidade.

Pelas informações obtidas a comunidade não tem os mesmos objetivos comuns como na época de acampamento porque muitas pessoas que habitam nesta comunidade hoje são recém-chegadas e tem outros objetivos, porém continuam lutando juntos para que os bens conquistados venham contemplar todos da comunidade.

Complementa um morador do assentamento dizendo que:

Os projetos são tantos, mas o futuro é gado, reflorestamento e energia, e dos desafios enfrentado pela a comunidade o maior é a pobreza, mesmo que ainda é muito grande em todo o Brasil. E aonde existiam grandes projetos da Cosipar, hoje existe realização de grandes projetos dos trabalhadores, o bom é, que finalmente estamos libertos das garras da empresa COSIPAR e, podemos cuidar da nossa própria terra com tranquilidade (JOÃO, 2015).

Podemos observar que nesta fala a uma grande preocupação em relação ao gado de leite e de corte, pois a agricultura futuramente vai desaparecer nesta comunidade, mas por outro lado eles estão felizes por estarem dentro das suas próprias terras.

O que leva este processo de ocupação das terras é o grande índice de desempregos. As famílias passam necessidades e na procura de manter a casa se unem em grupos. Conhecendo a realidade da propriedade que é do Estado ou dos latifundiários fazem ocupações para adquirir um pedaço de terra, pois são produtores rurais com o nível de estudo baixo e a profissão que dá garantia de sustentar a família é trabalhar na terra, o que não foi diferente no PA.

Segundo José (2015), o PA/Liberdade cresceu muito e já se estruturou 90% do que era antes. Esse avanço de maior importância se deu na estrutura econômica das famílias. Cerca de 40% da comunidade cresceu na produção de leite e gado de corte e a fonte de tudo isso foi o trabalho duro e árduo dos agricultores para chegarmos onde estamos hoje. Tudo isso se deu nos trabalhos de mutirões nos lotes de cada um.

7 CONCLUSÃO

Percebemos que ao fazer uma reprodução das memórias não é fácil, pois a memória não consegue abstrair tudo, apenas o que foi marcante, deixando cicatrizes que irão perpetuar toda vida, mesmo assim, reconstituir as memórias nos permite voltar ao passado e (re)viver momentos que nos deixaram marcas profundas.

Fazer a releitura do passado nos possibilita recordar momentos que deixaram rastros, reconstituir o imaginário e interpretar o passado. Descrever o que foi narrado nas entrevistas de moradores da comunidade foi preciso fazer uma releitura do primeiro tempo comunidade o que tornou-se muito importante para entender a importância da memória deste grupo. Voltar a história desta comunidade foi marcante para mim como também foi para os entrevistados do PA. Reativou a memória do momento das entrevistas, pois os entrevistados ao lembrarem de alguns momentos de sofrimentos não conterão a emoção mesmo sabendo que hoje estão livres dos conflitos, mas a memória dos acontecimentos fez com que se emocionassem novamente.

Ao longo das entrevistas percebi uma grande importância de pesquisar esta comunidade para saber como foi realizado o processo que proporcionou as mudanças como afirmou a entrevistada Maria (2015), Nesta comunidade há 25 anos atrás era uma área reservada ao plantio de eucalipto, colheita da castanha do Pará e era uma área de mata primária mantida pela empresa Cosipar. Mas após a ocupação os agricultores iniciaram o processo de degradação das matas tendo em vista que hoje o ambiente desta comunidade passou por uma grande transformação, tudo isto graças à ganância do homem que derruba as matas sem controle.

Dentro dessa dinâmica de estudar a realidade de um grupo social o curso de Educação do Campo permitiu-me entender o processo de ocupação das terras e a luta dos movimentos sociais. Ouvir é diferente de sentir, comentar é diferente do presenciar, dizer é diferente do viver. Só sabe quem sente, presencia e vive. Ninguém melhor para comentar a dor do que quem está sentindo. Assim é a história daquela comunidade, para entender precisei ouvir os clamores de quem passou por momentos dolorosos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMMANN, S. B. **Participação Social**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

ARAUJO, José Gomes de. **Entrevista do primeiro tempo comunidade**. PA/Liberdade, Marabá, 2015.

BERGAMASCO, L. C. **Recuperação de imagens cardíacas por conteúdo**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2013.

BOBBIO, N. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação – Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Referência para uma política nacional de Educação do Campo. Caderno de subsídios, Brasília, DF, 2005.

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394 de 1996. Diário Oficial da União, DF, Ano CXXXIV, nº 248. Brasília, 1996.

_____. Programa Nacional de Educação do Campo - PRONACAMPO - Documento Orientador. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão/SECADI Diretoria de Políticas de Educação do Campo, Indígena e para as Relações Étnico-Raciais/DPECIRER Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo/CGPEC, 2013.

_____. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 1996.

CABRAL, Maria Dália. **Entrevista do primeiro tempo comunidade**. PA/Liberdade, Marabá, 2015.

CALDART, Roseli Salete. **A pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão popular, 2005.

CARTER, R.; ALDRIGE, S.; PAGE, M.; PARKER, S. **O livro do cérebro: memória, pensamento e consciência**. Trad: Peter Frances São Paulo: Duetto, 2009b. V 3.

Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo; Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**, São Paulo: Cortez 1982.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classes**. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n.40, jan./abr. 2009, pp. 168-194.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. **O Campo da Educação do Campo**. In: Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo.

MOLINA, Mônica Castagna JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo (organizadoras). Brasília, DF: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo", 2004.

IZQUIERDO, I. Questões sobre memória. São Leopoldo: Unissinos, 2009.

KANDEL, E. R. **Em busca da memória**: o nascimento de uma nova ciência da mente. Trad: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In Revista Projeto História (Puc-São Paulo). Trabalhos de memória. Número 17. Novembro 1998. pp. 63-201.

_____. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. **Escola do Campo**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. 1ed. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012, v. i, p. 324-330.

MORIGI, Valer. **A escola do MST**: uma utopia em construção. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PINTO, A. C. (1998a). **Processamento auto-referenciador na memória para situações episódicas e de personalidade**. Psicologia, Educação e Cultura, 2, 323-329.

SANTOS, João Evangelista. **Entrevista primeiro tempo comunidade PA/Liberdade**. Marabá, 2015.

SANTOS. João Evangelistas dos. **Entrevista do primeiro tempo comunidade**. PA/Liberdade, Marabá, 2015.

WAUTIER. A. M. **A construção indenitário e o trabalho nas organizações associativas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

ANEXOS: ENTREVISTAS COM OS MORADORES DO PA/LIBERDADE**IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA 01**

Data: 23 de Março de 2015. **Local:** PA/Liberdade Marabá-PA.

Nome: Maria Dália Cabral **Idade:** 48 anos

Onde mora: PA/Liberdade município de Marabá-Pa.

Natural de: Vagão do Alegre, município de Araguaína- TO. **Escolaridade:** Ensino médio.

Trabalho que desenvolve: Coordenadora da comunidade do assentamento.

Entrevista realizada por: Aldenir Rodrigues dos Santos.

Duração da entrevista: 24 minutos e 51 segundos.

Comunidade. Então vamos começar nossa entrevista com a moradora. Primeiramente boa tarde e qual seu nome?

Entrevistada: boa tarde, meu nome é Maria Dália, nasci em Vagão do Alegre em uma fazenda município de Araguaína Goiás que hoje Tocantins. De criança fui criada só pela minha mãe, não conheci meu pai, se separar eu tinha um ano e pouco de idade só eu e minha outra irmã, somos duas irmã a outra sendo a mais velha e ai a gente teve uma vida muito oprimida, mas sempre morando na zona rural, sempre morando de agregado de fazendeiro, ai morei até 10 anos de idade na fazenda do senhor José conhecido por José piqueno isso era no Goiás. Quando foi em 76 atravessamos pro Pará quando até hoje estou morando no Pará residindo no Pará, ai eu fiquei até os 18 anos, em 86 eu fui pra Xambioá pra estudar, já com meus 18 anos fui fazer a 1ª série. Ai como a onde a gente morava era um lugar muito dependioso não tinha escola, nem igreja, nem associações nem entidade nenhuma de organização, a gente teve uma vida muito sofrida, muito dependente do trabalho braçal, eu não tive uma adolescência de estudo, fui muito sofrida nessa parte, mas fui criada só a troco do braço de minha mãe porque fui criada sem pai, ela arrumou um esposo que era meu padrasto mais ele também não era muito interessado ne ter uma boa estabilidade ai a gente sofreu muito. Ai por isso fui já os meus 18 anos estudar em Xambioá Tocantins, hoje Tocantins, ai fui fiz até a 4ª série, ai quando completei meus 21 anos, ai apareceu um jovem ai a gente se interessou um pelo outro, ai agente acabou fugindo, [neste momento a entrevistada sorrir do fato acontecido a anos atrás]. Fui morar em Xinguara Pará em 87 em Dezembro de 87 e lá a gente morou 3 anos tive três filhos. Ai chegou àquela crise do governo Collor que os dinheiro do pessoal foi tudo preso e a gente ficou. Ele era crediário, a gente tinha seu crediário próprio mais ai como o prejuízo era muito grande a gente pensou em comprar uma pequena propriedade e mudar pra zona rural. A gente vei quando passamos 4 ano numa localidade

município de São Geraldo do Araguaia chama capoeira é e a gente morou Lá 4 ano, mas como a propriedade era muito pequena e a gente já tinha 5 filho na época a gente sentiu a necessidade de ter uma propriedade maior pra criar esses filhos e a gente pudesse da uma condição de vida melhor pra eles, ai hoje mudamos pra o PA/Liberdade aonde resíduo até hoje temos uma pequena propriedade mais suficiente para nosso sustento. E 5 de Dezembro de 95 a gente mudou pra o pA/Liberdade, a gente ta Lá até hoje.

Entrevistador: *Quais as diferenças quando mudaram para o PA/Liberdade para a vida atual hoje?*

Entrevistada: A diferença foi muito grande! Nesse tempo a nossa propriedade era só mata, não tinha uma pequena abertura, muita malária que a gente sofreu muito teve pessoa que perdeu membro da família co a malária que era muito grande. Não tina uma pequena estrutura, nem escola nem igreja, só foi formada uma pequena associação de moradores que ainda não era assentado, era uma luta muito grande ai dos 8 anos a 10 anos pra conquistar a desapropriação, até lá a gente sofreu demais sem moradia digna sem escola a gente teve uma pequena escola muito dependiosa pra as crianças, ai a gente fundou a comunidade, ai foi tendo mais uma facilidade, não tinha comercio também é o comercio mais perto era 75 quilometro que é Marabá lá pra nossa localidade. Tinha dia que a gente não tinha condição de fazer nem a própria comida por devido a situação de malária que era muito, é grande demais que a gente chegava a ter dia que pensava que nem ia manhecer viva devido de tanta malária todos da casa doente muito doente, a gente sofreu bastante nesse lugar, mas só que hoje, já há 19 ano residindo na mesma localidade já melhorou muito, hoje temos estrada, não muito boa mas temos, e já temos energia há 2 anos e temos uma moradia mais ou menos digna um pouco porque já é uma casa construída não é o suficiente que a gente merece mais temos.

Temos nossas criações, temos nossa independência do nosso sustento. Tenho 6 filhos, todos estudaram nessa pequena escola: Jardim da Esperança na vila trevo, neste momento se ouve barulho de uma criança, pois a neta da entrevistada estava bem próxima lavando seu brinquedos e conversando sozinha. É na nossa localidade, ai temos... esses 6 filhos hoje já tão todos fora terminaram os estudos estão fazendo faculdade, tenho 2 netos também que ta residindo, já foi depois dessa residência desse tempo que nós mora lá. É eu consegui, quando morei em Xambioá pra estudar lá fiz só a 4ª serie lá nessa mesma escola que meus filhos estudaram que meu neto ta estudando eu já conclui o ensino fundamental e esse ano tô realizando um grande sonho de concluir o ensino médio é em 48 anos é uma alegria muito grande pra mim isso, então a gente tem muito a comemorar por ter mudança, por ter uma grande mudança na nossa vida hoje. Nós temos através dos muitos sofrimentos nós temos

obtidos muitas vitórias e é onde um lugar que eu gosto muito tenho muita amizade, muito conhecimento e não pretendo sair de lá é eu acho que nunca. Neste momento a entrevista solta gargalhada. Porque a gente cria amor ao nosso lugar e a gente foi dos primeiros moradores que chegou aqui nesse assentamento, inclusive nesse assentamento tem só 6 pessoas dos que vieram primeiro e que ainda reside lá. A maior parte foram embora por devido as dificuldades muito grande, mas a gente não desistiu e hoje a gente tá lá e tem uma grande vitória, a gente tem nossas criações, tem nosso sossego é um lugar sadio hoje e a gente vive tranquilo e espera que cada vez mais melhora, só precisa de interesse da parte das autoridades toma uma providência maior pro nosso lugar, que a gente precisa de uma estrutura melhor de escola que sabe um ensino superior pode chegar na nossa região.

Entrevistador: *como surgiu a ideia do assentamento/histórico? Como aconteceu?*

Entrevistada: A tá, como aconteceu foi porque estava uma disputa muito grande entre os colonos, entre os posseiros e a empresa Cosipar que era proprietária se dizia proprietária da região, do local! E aí tava uma demanda muito grande muito perigosa e aí foram resolverem criar uma associação no nosso lugar pra tentar melhorar a situação! Ainda foi gente, pessoas presos dos nossos companheiros foi presos em Marabá, aí a gente sofria muito por isso, aí foi criado a ideia de ter uma associação pra, pra ver se melhorava, pra buscar as autoridades as entidades que luta em favor do fraco do lavrador, do acampado do produtor rural, aí foi quando começou a melhorar. Aí foi uma luta muito grande mais aí foi quando a gente conseguiu criar um projeto de assentamento que hoje chama PA/Liberdade.

É com muito morador, uma faixa de 120 assentados. Hoje todo mundo tem sua vida independente, bem! Muito tem o seu próprio transporte, tudo já adquirido lá dentro, então é um lugar que a gente tem muito prazer de residir lá.

Entrevistador: *É na época que vocês mudaram houve uma grande diferença de lá pra cá, principalmente a questão do transporte! Como aconteceu essa mudança?*

Entrevistada: Essa mudança do transporte foi assim! A gente resolveu a procurar pessoas que quisesse é... Primeiro o Incra fez alguns quilômetros de estradas, foi o primeiro passo para melhorar a questão do transporte, aí fez alguns quilômetros de estrada, já foi melhorar um pouco, aí a gente criou a ideia de buscar, procura pessoa pra ter um carro de linha como se chama. Apropriado na zona rural, um carro de linha pra ter o dia do transporte da semana pra chegar até na cidade pra comprar, fazer a nossa compra, fazer o necessário! E também mais uma boa parte do tempo foi carro de leite, encima de tambor de carro de leite! Neste momento a entrevistada sorri ao lembrar como era o deslocamento do PA até a cidade. - É um risco muito grande de vida, até a gente ter esse carro de linha foi um risco muito grande que a gente

corria. Ainda teve caso de pessoas cair de cima dos tambor de leite porque não tinha espaço dentro, a gente chegava na rua todo lambuzado de leite. Mais uma vez a entrevistada sorriu ao comentar o fato ocorrido, sorrindo diz: fazia até vergonha ta perto do povo.

É foi uma luta muito grande, a gente hoje, já mudou essa história, a gente tem um carro de linha decente pra gente andar. Então, não é uma van, mas é um carro organizado que a gente possa andar com mais dignidade sem ser encima de tambor de leite.

Entrevistador: *É como à senhora falou, já mudou bastante coisa no PA! Principalmente após a associação buscar benefícios. Quais foram os benefícios que já chegaram para o próprio assentamento?*

Entrevistada: Foi primeiro, o primeiro benefício maior que a gente teve, foi à desapropriação da localidade, por que essa era a nossa maior preocupação por conta da disputa da firma Cosipar, ai esse foi o primeiro grande benefício que a gente obteve.

A partir do governo de 2004 pra cá a gente começou a ter grande benefício, a gente com a desapropriação, depois veio alguns quilômetros de estrada e ai junto com os isso veio o projeto é... De assentamento que tem as casas, que a gente recebe as casas, e aquele projeto fomento que a gente chama, e o projeto habitação que a gente recebe uma casa construída com banheiro, e ai não foi bem como a gente esperava, mais melhorou bastante a questão da habitação e o outro foi credito, uma boa parte recebeu o credito pronaf, hoje a gente recebeu aquele mais alimento pelo governo federal a gente tem hoje, foi uma melhora muito grande que as pessoas conseguiram comprar seu gado de leite de qualidade, comprar seu transporte, ter o seu plantio ter o seu açude para criar peixe pra ter uma boa alimentação de qualidade melhor, a gente cria. Ter a produção do próprio roçado que a gente tem mesmo com a preservação que a gente tem que fazer, mas a gente coloca o nosso roçado pra tirar o nosso sustento, uma boa parte do nosso sustento. A gente ta com a vida basicamente bem!

Entrevistador: *Como a senhora falou, todos você tem uma produção! Que tipo de produção hoje tem a maior renda no próprio assentamento?*

Entrevistada: É gado! De gado é a maior produção que a gente tem porque além da produção da carne pra gente se alimentar que quase todo mundo pode matar seu gado para comer pra se alimentar de sua própria criação e ainda tem o leite que a gente tira pra vender, pra manter pra não tá sempre precisando devorar a reserva de mata que a gente ainda tem aqui.

Entrevistador: *É como à senhora falou, é vocês recebem algum tipo de assistência técnica de algum órgão?*

Entrevistada: Recebemos da Emater! A Emater tava sendo assistência técnica desse nosso PA/Liberdade.

Entrevistador: *E algum tipo de projeto de reflorestamento, alguma coisa assim?*

Entrevistada: A gente já teve várias palestras e os órgãos veio pra tentar conscientizar as pessoas pra não desvastar mais as matas pra preservar as águas porque a gente depende deste meio ambiente. Agente sempre tem e uma própria consciência apesar de muitos não ter essa consciência. Uma boa parte tem consciência que é necessário ter a preservação das matas filiare que é a localidade que tem as nascente e também das propriedade.

Entrevistador: *Dona Maria, a senhora faz parte de algum movimento social dentro do assentamento?*

Entrevistada: Faço! Sou a segunda tesoureira de uma das associação, são duas e sou também a coordenadora da igreja católica da nossa comunidade há 15 ano.

Entrevistador: *É como à senhora coloca! Pelo que a gente ver tem muito de alegria e de tristeza. Pra senhora qual foi o melhor momento que trouxe mais emoção lá no assentamento?*

Entrevistada: É pra gente foi... é como eu já falei ai um pouco, foi na desapropriação da nossa área e também a gente tem vários momentos em nossa área. A cada dia a gente vai adquirindo momentos especiais. Quando a gente mora numa lugar que a gente se sente bem, por exemplo: a escola, a igreja, é temos os eventos religiosos, temos eventos nas escolas, é como o dia das mães, é dia das crianças, é também agora tô me sentindo ainda muito ainda assim, alegre por ter oportunidade de fazer de concluir o ensino médio já com essa pequena idade. A mesma sorrir de sua própria idade quando faz comentário da conclusão do ensino médio.

Entrevistador: *Mais uma vitória né?*

Entrevistada: Mais uma vitória que eu. É um desejo eu não tive oportunidade na minha adolescência nem na minha juventude, mas sempre sonhei com isso e se a vida me der oportunidade, eu posso até fazer uma faculdade ainda, posso fazer uma faculdade se Deus quiser.

Entrevistador: *Você tem na memória um momento de grande decepção, tristeza no local?*

Entrevistada: É as vezes a gente tem, tenho com certeza porque a gente as vezes no meio de nós tem pessoas que pode nos decepcionar assim, eu não vou entrar em detalhe mais a gente as vezes com a família, com outras pessoas mesmo a gente sofre as vezes muita decepção, mas é uma que ficou assim na mente foi quando a gente teve que formar outra associação porque os membros da primeira não é... O trabalho deles não batia com o trabalho digno que a gente quiria, então é! Ai a gente foi obrigado! Mas só que a gente separou as associações, não

as pessoas continua sendo amigos só por motivo de não bater as ideias, as atitudes, aí a gente fez outro grupo mais se vive todo mundo em paz.

Entrevistador: *Como à senhora coloca, no caso são duas associações que trabalham com projeto diferenciado.*

Entrevistada: É com projeto diferenciado, uns trabalham pelos projetos sociais que vem do governo e a outra é mais com projeto particular, porque é mais é não gosta do movimento social e aí porque, não sei lá o motivo deles, o trabalho deles não bate bem com o do movimento social e a gente trabalha pelo lado social.

Entrevistador: *Certo! É quanto a, digamos a questão religiosa dentro do assentamento, só existe a católica ou outras religiões?*

Entrevistada: Tem! Tem umas três religiões, mas igreja mesmo tem só a católica e a assembleia de Deus.

Entrevistador: *dentro do assentamento?*

Entrevistada: dentro do assentamento, ficam toda, são construída toda na vila, na vila trevo próxima uma da outra.

Entrevistador: *como é a forma de vida hoje, digamos 80% dos assentados?*

Entrevistada: É uma vida bem! Basicamente estruturada, vive todo mundo independente, é hoje em dia tá até difícil de se encontrar uma pessoa pra, um funcionário porque todo mundo tem sua independência, vive estabilizado já nas suas localidades e eu, no meu ponto de vista vive todo mundo razoavelmente bem!

Entrevistador: *É a senhora tem mais ou menos uma noção da renda mensal desses produtores?*

Entrevistada: A lá tem deles que renda mensal que a gente tem de mensal lá por mês é a renda do leite, que é a produção do leite que plantio, criação miúda, a gente não vende! É mais pro consumo de casa! Então a renda fixa mensal é mesmo o consumo do leite. Tem pessoa lá que tira três mil, quatro mil litros de leite por mês, não são todos, mas é todo mundo tira o dinheiro da compra do mês é o dinheiro do leite que vende, da produção do leite. Uma produção razoável de leite. As pessoas já tem essa estabilidade de ter o seu sustento da compra mensal, salariado por dizer do leite.

Entrevistador: *Tem outras pessoas que vive de outras rendas? Digamos a produção de frutas? Já produtos plantados por eles mesmos?*

Entrevistada: A tem muito! Tem muito! Inclusive nós temos o presidente da associação nossa, é ei... [Nesse momento houve uma pausa na fala da entrevistada, pois sua mãe se aproximou conversando e, rapidamente ela parou de falar e ficou acenando com a mão para

que sua mãe não se aproximasse para não atrapalhar]. Inclusive o presidente da associação que faço parte da qual faço parte, ele tem mais ou menos uns cinco mil pé de cupu plantado, tem muitas frutas já frutíferas que ele já plantou que ele produz. É por quinzena ele lá corta uma faixa de quinhentos, seiscentos, mil quilo de poupa de cupu quando é na safra, no verão é açai, na minha propriedade tomos muito açai também que a gente preservou as vertente que tem açai todas, tem uma capacidade lá pra ser tirado na safra de cinco mil quilo de açai pra frente, a gente ter mais ou menos uma noção disso, é uma produção muito grande. As vezes estraga por falta de estrutura, que a gente não tinha energia, agora espero que a partir da energia já vai melhorar por conta da energia. Primeiro a gente colocou uma energia, fez um esforço muito grande, colocamos energia particular e ai depois um ano que a gente tinha colocado a energia particular a gente, ai foi contemplado com a luz pra todo, ai então agora melhorou bastante.

Entrevistador: *Eu queria que a senhora colocasse. Fizesse uma explanada geral do próprio assentamento, aquilo que vem na sua ideia que senhora pode tá falando de novo, de algo, de proposta pra futuro que, que o próprio assentamento, associação ta buscando hoje pra própria comunidade?*

Entrevistada: A gente de modo geral, a questão do melhoramento, a gente pensa, hoje já ta bem, mas a gente quer mais, a gente não quer parar por aqui, a gente quer mais melhoramento, a gente pensa numa cooperativa que a gente possa ter uma escoação melhor da nossa produção, tanto na questão de criação como na questão de frutas de produção de plantio, de tudo! A gente tem um plano de buscar através da associação melhora ainda mais. Tá bom, mas tem que melhorar mais, precisa melhorar mais a qualidade da escola que nós temos porque não tem uma estrutura que é adequada pra as crianças. Falta merenda demais, é as vezes a estrutura mesmo da escola, falta computador que a gente já tem energia, é uma coisa necessária, a gente tinha que ter internet na nossa comunidade pra as crianças ficar mais informada. É ter uma estrutura melhor principalmente na nossa escola eu vejo isso que uma grande necessidade ainda que precisa buscar associações buscar pra melhorar essa parte e também as estrada a gente precisa muito porque as vezes a gente passa um risco muito grande por conta das estrada que são muito arriscada, as vezes as pontes. Quando no inverno a gente tem um risco muito grande de acontecer algum acidente por conta das estradas que, no inverno, na parte do inverno fica pior ainda. da pra gente rodar melhor no verão, mas no inverno fica bastante estragada. “Ao falar da estrada no período do verão a mesma sorrir”

É uma luta muito grande, mas a gente sonha e tem que melhorar mais, a gente tá buscando isso, uma estrutura de vida pra nós tem que se estabilizar mais. É como já tem energia pra gente buscar coisas que melhora nossa situação.

Entrevistador: *E quanto ao manuseio da produção, digamos familiar. Vocês usa ainda é grotóxico? É algum tipo, digamos de algum veneno, que tipo de veneno que vocês usa? Se é alguma coisa natural ou agrotóxico?*

Entrevistada: A questão de plantio?

Entrevistador: *isso!*

Entrevistada: o pessoal usa muito porque nasce muita praga, tem muita praga na região, é de mato! Praga de mato, praga de inseto também, aí é necessário usar porque se não, não vai conseguir colher. Aí o que a gente espera do plantio. Aí é sempre necessário, a gente sempre usa bastante agrotóxico, agente tá tentando diminuir essa questão do veneno, mas ainda não foi possível. Se a gente tivesse um maquinário pra aradar, pra manusear as pastagem o local da roça pra não ser preciso queimar, pra diminuir a poluição se a gente conseguisse maquinário? A gente tá lutando pra isso, mas até agora a gente não conseguiu! A gente tá lutando pra isso, mais até agora a gente não conseguiu aí a gente tá sendo obrigado a gente usar esse tipo de produto no nosso plantio e também no nossos pastos porque é muita praga aqui nasce muita praga, que devasta, é muita erva daninha que alastra nos pastos, aí a gente se ver obrigado ter que fazer isso por conta e falta de estrutura, de apoio do Incra, dos governo municipal, é a gente sente necessidade de varias parte de apoio que possa apoiar a gente diminua mais a quantidade de agrotóxico e de queimadas, já diminuiu bastante, mas é necessário que a gente tenha apoio das autoridades que possa nos ajudar nessa parte.

Entrevistador: *Certo! Dona Maria, agradeço pela entrevista, pela orientação que a senhora nos deu que vai ser muito essencial para nosso trabalho.*

Entrevistada: Tá, eu que agradeço por ter tido este privilegio por ser entrevistada por um aluno que hoje é professor. Eu agradeço muito e ele foi meu vizinho e hoje já passou, já teve. Já foi meu professor também e espero que ele obtenha muito êxito nos estudos dele.

Entrevistador: *Tá! Muito obrigada!*

Entrevistada: acho que falei abobrinha demais.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO 02

Data: 23 de Março de 2015. **Local:** PA/Liberdade Marabá-PA.

Nome: José Gomes de Araújo **Idade:** 35 anos

Onde mora: PA/Liberdade município de Marabá-Pa.

Natural de: Vagão do Alegre, município São Geraldo do Araguaia-Pa.

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto.

Trabalho que desenvolve: produtor rural

Entrevista realizada por: Aldenir Rodrigues dos Santos

Duração da entrevista: 43 minutos e 22 segundos.

Entrevistador: *Aos 2 de Maio de 2015, as 15 horas e 08 minutos, estou no projeto PA/Liberdade para entrevistar mais um morador! Primeiro lugar, boa tarde!*

Entrevistado: Boa tarde!

Entrevistador: *Qual seu nome?*

Entrevistado: José Gomes de Araújo!

Entrevistador: *Seu José me conte um pouco da sua historia de vida!*

Entrevistado: Rapaz, eu nasci em 1979, no município de São Geraldo num assentamento chamado de Santa Luzia na beira do rio Araguaia.

Entrevistador: *E quanto ao relacionamento dos seus pais?*

Entrevistado: O relacionamento dos meus pais não foi muito bem porque eu fui criado sem pai, minha mãe... meu pai tinha outra família pra lá [neste momento se houve barulho de criança, pois a filha do entrevistado estava brincando] e ai teve um caso com minha mãe, e ai eu sei que desse caso lá nós somos 6 filhos dele, mas toda vida criado sem pai só com mãe mesmo. Trabalhando muito, muito sofredor, lutando pelo dia a dia e sempre conseguimos crescer e no objetivo sempre trabalhando de um dia melhor, e ai Deus abençoou que nunca foi preciso ninguém fazer nada de errado e ai e fomo lutando pela frente.

Entrevistador: *Quanto a sua juventude, você pode me contar um pouco?*

Entrevistado: Minha juventude não foi muito boa e nem muito ruim, porque a gente muito sofredor, fraco, mas a gente divertiu um pouco e sempre o trabalho em primeiro lugar, a gente trabalhava muito, tempo ficava mei pouco pra gente passear a gente se divertir, mais era trabalho mesmo.

Entrevistador: *E quanto à educação?*

Entrevistado: A educação foi péssima, que a gente não teve oportunidade de ir pro colégio porque onde a gente se criou o colégio era muito distante e tinha aquelas dificuldades, a gente

tinha que ir dia-pé outra vezes não dava pra ir e outras vezes você não tinha nem um caderno pra ir pro colégio pra escrever, não tinha um lápis e a mãe da gente não tinha condição de comprar e ai foi péssima a educação da gente. A gente praticamente é nalfabeto!

Entrevistador: *É, e o surgimento dessa migração até aqui?*

Entrevistado: Em busca de um dia melhor! De a gente conseguir um objetivo melhor, de ter uma vida melhor, e ai surgiu uma oportunidade pra gente vim, e ai a gente com muito esforço e vontade, lutamos até chegou aqui!

Entrevistador: *Essa historia dessa migração, você pode contar como ela aconteceu?*

Entrevistado: Assim, a gente morava vizim daqui e ai surgiu uma invasão de terra numa firma, e ai a gente reuniu um grupo de homem e ai a gente invadiu pela primeira vez em 93, ai não deu certo que a gente era pouco, e ai a firma era muito poderosa, ai eles conseguiram tirar a gente, a gente saiu, teve companheiro que sofreu, apanhou muito, o povo que não apanhou é porque correu teve como se esconder, e ai a gente se retirou dinovo. Ai a partir daí um ano a gente voltou de novo a invadir, ai já um grupo bem maior, mas organizado, isso já foi no dia 6 de janeiro de 94, ai a gente entrou definitivamente, a gente entrou, entrou mesmo como se diz: entro pra vencer, pra lutar pelo um objetivo igual todo mundo tinha aquela esperança que era tudo fraco de condição e tinha aquela vontade mesmo grande de possuir um pedaço de terra[neste momento se houve sua filha fazendo barulho] e ai a gente vei lutando e passamo 10 anos de luta, lutando contra a firma e afirma toda vida enganando a gente que tinha documento disso aqui, que ia tirar nós, mas como Deus é maior e sabia da necessidade da gente, ai não conseguira tirar e ai a gente foi tomando mais um conhecimento, foi em busca do sindicato dos trabalhadores rurais, foi em busca da CPT, foi em busca da FETAGRE, de mais outras entidade do Incra mesmo. Ai levaram nós até o Incra, quando nós chegamos no Incra, a gente não achou uma porta aberta pra gente entrar, que so achava quem tem o poder na Mao que é superintendente que no tempo era o doutor Vitor Hugo, ele era do lado da firma que é uma firma muito poderosa. O governo do estado era do lado da firma também e ai a gente ficou tentando e aquele ameaça que eles ia tirar, que ia trazer polícia como uma vez mesmo ainda trouxe, foi preso companheiro nosso daqui! Passou 3 dias na cadeia, a cpt com o sindicato foram La conseguiram um advogado e tiraram o companheiro nosso que tava lá.

E ai a luto continuou por 10 anos, até que entrou a doutora Bernadete como superintende do Incra, ai ela falou, no dia que ela entrou, ela já era conhecedora da nossa história aqui, que nós era sofredor, tinha vontade num pedaço de terra era para trabalhar mesmo. Ai ela entrou lá e descobriu pra nós que a firma não tinha documento disso aqui, ela era quem era uma invasora disso aqui, não era nós que a terra aqui era da união, então a terra

era nossa. Ela tava como invasora e dizendo que era dona, ai a gente já teve mais uma força, só que ela nós vamos lutar todo mundo junto porque a luta não é fácil, é uma luta difícil porque a firma é muito poderosa e tem muita gente grande do lado dela, mas nós não vamos perder as esperanças nós vamos lutar todo mundo junto, isso aqui uma luta e uma questão que eu quero ganhar ela com honra junco com vocês, ela sempre falou isso pra nós e graças a Deus, Deus abençoou que antes de vencer o tempo dela lá de 4 ano o mandato dela, ela conseguiu criar esse projeto de assentamento pra nós! Hoje chama PA/Liberdade. e no dia que ela veio pra assinar, ela trouxe a documentação pra assinar perante nós ali na nossa região. Nesse dia nós juntamo todo mundo posseiro, compramo uma vaca pra fazer uma carne assada lá pra ela comer e nós também. Fizemos uma festa lá nesse dia de comemoração todo mundo choror e ela assinou esse documento pra nós! Ai tudo bem! Depois daí 2 mês nós fizemos a festa da posse, ai foi uma festona grande. Matamos 6 vacas nessa festa. Fizemos uma essa festa grande veio o prefeito de São Domingos, veio o bispo de Marabá, Dom José no tempo, fez uma celebração, de noite teve festa mesmo dançante pra quem queria dançar, teve culto evangélico também, foi uma festa de muita emoção, e ai isso já foi em 2004. Que foi 10 ano de luta pra nós conquistar isso daqui, pra gente poder trabalhar sossegado, durante esses 10 anos ninguém trabalhou sossegado porque no dia que tentava trabalhar, chegava uma ameaça, você tinha que correr do serviço, ninguém podia trabalhar que ia chegar alguém que ia lhe impedir que você não podia trabalhar ali tinha que sair. E ai a gente só trabalhava mais escondido, durante esses 10 anos que criou o projeto de assentamento ai a gente foi trabalhar mais sossegado. Ai quando foi em 2000 ainda veio uma ameaça que aquele documento era falso que ela tinha assinado não era verdadeiro que aquilo ali ainda ia desfazer que a firma queria a terra, mas graças a Deus não chegou acontecer. Quando foi em 2006, [mais uma vez que a filho do entrevistado grita sentada ao seu lado] veio os primeiros benefício mandado pelo Incra, veio fomento que era pra você comprar traia pra trabalhar, ferramenta enxada machado facão e um arame se a gente quisesse fazer alguma cerca que gente pobre mexe mesmo com isso, e ai depois veio habitação que umas casinha hoje construído que a gente mora hoje debaixo feita pelo Incra. Veio 7 quilometro de estrada, ai depois passar 2 ano veio mais 8 quilometro de estrada, foi o benefício que nós conquistamo pelo Incra, foi a terra, fomento, habitação e 13 quilometro de estrada, um colégio que tem construído hoje, mas foi feito pela prefeitura depois de muitos anos de luta. A energia também [no momento a criança bate uma vasilha sobre a mesa e faz o maior barulho] o projeto foi feito, mandado pro Incra, a licitação pelo Incra, só que nós esperamos muito, mas chegou acontecer [toda interrupção do áudio, vem do barulho feito pela criança] ai hoje nós tamo aqui hoje com 21 ano já morando aqui e,

graças a Deus todo mundo em paz! Foi uma luta difícil pra gente vencer ela, mas graças a Deus hoje ta todo mundo em paz, sossegado em seu pedacinho de terra.

Entrevistador: *E quanto às lutas desses movimentos, esses movimentos vocês se apoiava em que? Associação, sindicato em que?*

Entrevistado: Associação primeiro lugar! Que nós tinha uma associação aqui dentro que lutava todo mundo junto era uma voz só. Quando um falava uma coisa todo mundo obedecia aquilo ali [sempre uma interrupção no áudio, pois a criança permaneceu um bom tempo batendo um objeto sobre a mesa] tinha o presidente da associação a gente estudava um meio melhor, a gente não resolvia aqui então nós ajeitava um dinheirinho ai o presidente da associação ia no Marabá lá com o presidente do sindicato e de lá ia em Belém, onde for preciso, nós se apegava mesmo a nossa entidade que era a associação em primeiro lugar

Entrevistador: *É o que você, digamos de lá pra cá, os benefícios que tem trazido como você colocou: energia, estrada. Como você ver daquele período pra cá?*

Entrevistado: Assim, um melhoramento grande pelas dificuldades que a gente tinha aqui porque quando nós chegamos aqui pra você sair na cidade, você saia de a pés porque não tinha estrada. Você saia de a pés lá um dia, passava quase 2 dias pra chegar na sua cidade mais próxima, comprava uma coisinha e trazia nas costa de novo aqui pra dentro porque não tinha estrada e ai era muito difícil! O que a gente ver hoje há mermo que passar de muitos anos, valeu a pena esperar, foi uma conquista boa porque vei sofrida, vei soada, mas hoje a gente ta sossegado, hoje você tem estrada na porta, você tem energia, você tem carro de linha na porta, e hoje melhorou muito valeu a pena pelo tempo que você esperou!

Entrevistador: *E na área da saúde, qual é o apoio que vocês tem aqui?*

Entrevistado: Não! Apoio na área da saúde aqui é mei pouco, porque aqui não tem agente desaúde ainda por enquanto, já foi feito concurso, mas aqui o pessoal que fez o concurso daqui de dentro não passou, e ai gente lá de foram não interessou vim trabalhar aqui, e ai a área da saúde aqui é meia péssima.

Entrevistador: *come é que vocês tem assistência a saúde se não tem alguém pra atender aqui dentro?*

Entrevistado: Aqui o pessoal sai que a gente ta precisando de um atendimento sai pra Marabá, sai pra São Domingos, sai pra São Geraldo, Araguaína que seja conforme o problema, mas tem que sai porque aqui dentro mesmo não tem atendimento, não tem um posto de saúde.

Entrevistador: *E quanto a questão da energia como ta ela hoje?*

Entrevistado: Ta boa! Assim, meã polemica no início mais ta boa porque nós colocamo a primeira energia que nós colocamo foi particular, ai já tava quase com 2 ano, ai veio projeto luz pra todo que há muito tempo nós esperava e nunca vei ai nós desiludimo daquilo e resolvemo colocar particular. Quando nós colocamo ai vei, ai ficou as 2 rede, ai a selva falou que não aceitava, ai nossa rede foi desativada pra ficar a rede deles, mas agora graças a Deus resolveu o problema.

Entrevistador: *E na área da agricultura, hoje o que os moradores produzem?* Entrevistado: Rapaz aqui a agricultura não é muito não, o escoamento no período de inverno não é muito fácil, mas com nada pra comer o pessoal ainda produz um arroz, feijão, milho, essas coisas, coisas básicas mesmo da roça pessoal ainda produz.

Entrevistador: *É hoje qual é a renda de você aqui no PA? de que vocês mais sobrevivem?*

Entrevistado: Aqui é da pecuária, gado de corte e gado de leite, a maioria quase todos cria gado de corte e gado de leite é a renda aqui do PA é essas 2 coisas.

Entrevistador: *Aqui tem um local destinado pra receber esse material que vem de vocês ou vem de outro setor?*

Entrevistado: Então, aqui vem de outro setor, aqui dentro mesmo não tem não, tem os tanques de leite, mas já fica em outro PA não fica aqui dentro não, a gente faz entrega pra lá, é vizim aqui, mas faz entrega pra lá, tem o carro de leite que vem todo dia pega o leite leva pra entregar lá, mas já é no outro PA, não é no nosso não, aqui apenas a gente produz o leite e entrega lá.

Entrevistador: *É você colocou um pouco sobre a história do colégio, como foi criado esse colégio? Você tem noção como foi no período, se iniciou a educação e como você ver ela hoje?*

Entrevistado: Ela avançou muito do tempo que foi iniciada pra cá, porque quando foi pra iniciar tinha muitos alunos ai e tinha pai de família que morava aqui e os fii fora porque aqui não tinha colégio, ai um dia chegou ocasião dos pais se reunir e vamo fazer um colégio? Mas ai não tinha professora ou professor, ai tinha um rapaz que trabalhava com a gente e disse que a esposa dele dava conta de dá aula, ai juntamos fizemos esse colégio de qualquer jeito mesmo de facão de machado, e ai rumamo essa professora e ela foi dá aula, ai depois disso a professora começou a ir pra Marabá ter conhecimento, ai a prefeitura começou a da assistência, daí mais uns anos, começou trazer merenda, so que no início foi um pouco sofrido e hoje graças a Deus a prefeitura já fez um colégio, tem um colégio construído na nossa vilinha, que é na vila trevo e tem modular, tem os professores que vem dá aula. Hoje ta uma educação não ta de qualidade não, mas tá razoável a vista o que era.

Entrevistador: *É quando você coloca se é educação, a gente também ver que hoje tem um professor dentro do PA que também fez o curso Educação do Campo, que você pode tá colocando desse professor, o que você ver de desenvolvimento do trabalho dele?*

Entrevistado: É eu acho que ele tá com um trabalho bom aqui pra nossa região, porque a gente ver as crianças que tá iniciando tão se desenvolvendo bem, ele é um professor de qualidade, se ver tem o meu filho mesmo que tá iniciando agora tá iniciando no colégio e tá estudando e a gente tá vendo que a cada dia que ele chega do colégio, ele tá chegando com uma novidade ele chega com uma melhora ele chega com alguma coisa que ele saiu de casa e não sabia fazer e quando ele chega já chega mostrando, pai ou mãe, eu já sei fazer isso então é uma coisa que mostra que o professor é um bom educador.

Entrevistador: *É voltando só um pouco lá atrás, quando se fala da associação, como ela tá agindo hoje, atuando? Se desativou ou não? Qual a ação que ela tá caminhando hoje?*

Entrevistado: A nossa associação ela é uma entidade, no caso, no caso legal. Paga seus imposto tudo legalmente só que ela hoje tá assim um pouco desativada pelos sócio, só que naquele tempo que o pessoal lutava pela conquista da terra todo mundo lutava por aquilo ali, era uma briga com objetivo só.

Entrevistador: Todo mundo junto!

Entrevistado: É todo mundo junto. Ai hoje o pessoal já tem mais seus mei de vida, já deixaram ela um pouco a parte, só que quando precisa corre lá, ela ainda é como se diz “é uma mãe ainda que onde o fi chora no colo dela, na hora que você precisa corre lá, ela vai lá no Marabá, onde quer que seja pra achar uma solução pro seu problema. Até hoje a nossa associação ainda tá nessa maneira ainda! Ela diminuiu um pouco porque, por esses sentido que é igual to falando, mas inda tem esse potencial!

Entrevistador: *É colocando a questão da saúde, ouvir muitos comentários de fatos históricos que aconteceu aqui dentro do assentamento, de acidente, perda de parente. Você pode colocar alguns desses problemas que aconteceu aqui pra gente?*

Entrevistado: Já, teve vizim meu mesmo que tinha um filho de 5 anos aproximado de 5 a 6 anos, que ele morreu praticamente a míngua por não ter um atendimento igual, quase mesmo no tempo que a gente chegou aqui, ele adoeceu de malária, hepatite, muita coisa misturada, e ai não tinha um atendimento adequado que resolvesse. Quando vei chegar num socorro já tava sem jeito ai o pai mas a mãe perdeu seu filho que era filho único que ele tinha, foi uma dor muito grande e eu acompanhei isso do início que era vizim aqui. Isso tudo a gente lamenta por ser uma região muito difícil, mas pela ansiedade, a vontade tão grande que a gente tinha de

possuir um pedaço de terra pra poder sobreviver que ninguém nunca desistiu, sempre foi a frente e ai era péssima demais nossa saúde aqui dentro.

Entrevistador: *Sim, e quanto as estradas, primeiro início foi o Incra, e hoje como ela atua?*

Entrevistado: Rapaz, ela hoje não ta numa boa qualidade porque o Incra fez no tempo e as dificuldades de cascai aqui na região e madeira mesmo não era boa e ai não fez tanto um serviço de qualidade, mas tem um fazendeiro vizim aqui que sempre ajuda a gente, tem um tratorzim que sempre ajuda a remendar uma ponte e hoje o que o Incra fez praticamente acabou, hoje é a gente que vem dando sistencia, é uma ponte cai a gente ajeita um pedaço de madeira o fazendeiro arruma o trator a gente vai ruma lá aquela ponte, é a gente paga alguma hora de máquina pra arrumar um pedaço de estrada que, ai sempre a gente vem passando, não é de qualidade as estradas, mas a gente vem lutando. Já apareceu a patrol uma vez aqui do município de São Domingo pra rapar um trecho aqui da estrada que tava muito crítico também que não prestava mais, ai fez um certo limite a gente pagou mais umas hora pra frente pra dar mais uma melhorada pra alcançar o objetivo de outros companheiros pra frente que era necessitado da estrada [neste momento se houve a voz da esposa do entrevistado, pois foi pegar a criança que estava fazendo barulho desde o início da entrevista] ai de tudo a gente vem lutando num objetivo e graças a Deus vem dando certo, todo mundo, e é assim,. Conquista não se vem fácil mesmo, tem suas dificuldade, mas graças a Deus vem dando certo.

Entrevistador: *Quando você fala as estradas é, digamos assim, questão da madeira, o que essa madeira tem a ver com essas estradas?*

Entrevistado: É sobre as pontes, porque nós aqui nunca teve uma assistência assim, igual uma prefeitura, Incra, que seja alguma entidade pra fazer umas pontes de qualidade pra gente, pra fazer de cimento uma coisa assim. Ai sempre é feito de madeira, ai a gente não tem a madeira, quando você arruma um pedaço de madeira é uma madeira veia que já ta se acabando apodrecendo, a gente coloca ai pra quebrar um galho, passar uns 2 anos ai, ai ela vai se acabando a gente vai dando um jeito de novo e remendendo e ai é assim, não tem madeira de qualidade pra fazer um serviço também de qualidade. Ai a luta vai sempre continuano.

Entrevistador: Sim! Quanto à área de lazer, daquele período pra cá até hoje o que você tem pra colocar?

Entrevistado: Rapaz, nossa área de lazer aqui é. Teve uns tempo assim animado, a gente tem um campo de futebol que a gente mesmo criou, tem uma boa quantidade de jovem que incentivava, que tinha vontade, que trabalhava animado pela aquilo, a gente criou um campo de futebol, a gente mesmo comprou a bola, a gente mesmo comprou a equipe, a gente formou um time de futebol pra brincar, e ai a gente todo final de semana a gente tava lá naquele

campo brincando, tinha o bazim da dona Raimunda lá que era onde a gente se divertia também muito, que a gente jogava bola a tarde e à noite a gente tava lá nesse bazim tomando uma cachaça, uma cerveja, uma coisa, muitas vês tinha uma festinha, a gente enrolava a noite por lá e brincava um pouco o correr da semana trabaiano, a nossa área de lazer era mais o menos isso, nunca teve coisa, assim coisa pra de envolver muita coisa não.

Entrevistador: *Quando você fala, esse bar da senhora Raimunda, quem é essa Raimunda? Como ela chegou até aqui com esse bar?*

Entrevistado: Rapaz a história dessa mulher é um pouco difícil, um pouco sofrida, porque ela veio pra cá no caso junto com a gente, quando a gente veio pra cá num assim, uns 3 ano que a gente já tava aqui ela chegou, a gente não conhecia ela, ela chegou assim meia estranha e aí tinha o esposo dela, tinha a família dela, e aí ela sempre falava que a vocação dela era mexer com bazim e aí a maioria do pessoal gostava de tomar uma cachaça, e aí aquilo foi animando e ela começou trazendo [neste momento o entrevistado faz um temperamento na garganta] a mercadoria em lombo de burro atolando nas estrada, quebrando litro de cachaça, quebrando garrafa de cerveja nas estrada pra ver se não quebrava mais ela misturava dentro dum saco de cuim, cuim de arroz, [mais uma vês se ouve a voz da esposa do entrevistado conversando com as crianças] misturava tudo junto pra trazer, aí chegava aí, colocava aquela [neste momento a esposa chama as crianças para não atrapalhar a entrevista] cerveja pra gelar numa geladeira via gaizera que ela trouxe pra cá também de pedaço em pedaço na costa de animal [voz da esposa minha filha da conta] e aí colocava pra gelar, vendia pra gente, vendia um litro de cachaça, uma coisa assim, tudo trocado ni arroz que era no tempo que a gente produzia arroz pra gente comer, pra gente vender e era a renda quando nós chegemo pra cá que a gente tinha, era um arroz que você plantava, era um milho, outra coisa você não tinha que a gente não criava gado aqui no início, era só isso mesmo e aí ela trocava aquilo, aquela cachaça né? seriais e aí no mesmo burro que ela trazia cachaça ela levava os seriais pra rua pra vender e tornava trazer de volta pra gente, vender de novo pra gente beber e aí o comercio assim.

Entrevistador: *Tá! E religião, qual religião você pode ta destacando, como surgiu as religiões aqui?*

Entrevistado: A nossa religião aqui, quando nós chegamo aqui, tem um companheiro nosso aqui chama Aldenor, ele fez uma prece com, uma promessa com São Jorge! Pediu a São Jorge que ajudasse nós, que se nós conseguisse essa terra pra nós trabalhar, no dia que fundasse uma igreja católica aqui o padroeiro era São Jorge, aí Deus abençoou que nós nesse tanto de ano que nem eu coloquei, nós conseguimos, aí juntemo lá tiremo a madeira lá, tiremo umas taba, uns cavaco, nós fizemo a igrejinha lá e colocemo o padroeiro São Jorge, aí foi aumentando,

fizemo o festejo e foi angariando uns dierim algumacoisa, ai a gente foi melhorando a igreja, a gente hoje, ta uma igreja construída, não ta de boa qualidade porque os católico foi dexando mais prum lado e ai foi dexando mais esquecida, acho que esqueceram da promessa que tinha feito, mas tem a igreja hoje lá e tod final de semana, todo Domingo tem a celebração, uma vez por mês parece se não me engano tem a missa, o padre vem celebrar a missa. Hoje tem a igreja evangélica também, a igreja evangélica é bem mais movimentada, que a maioria do pessoal aqui hoje é evangélico e tem culto, 3 a 4 vez por semana, tem festa uma vez por ano, uma festa grande, bem organizada, junta pastores de muitas cidades vizinha, vem pregador de longe também é bem animada aqui, algum evento que muita vez hoje até da associação mesmo [a esposa comenta “Maria aparecida, é Maria Aparecida levanta do chão”] que nós fizemo um galpão bem grande, até evento da associação hoje é feito lá no galpão da igreja evangélica, lá tem um movimento bem animado.

Entrevistador: *Voltamos só um pouco sobre sua história que você me lavava um pouco sobre seu casamento, pelo que observo, quando você chegou você ainda era solteiro!*

Entrevistado: É eu era solteiro, eu cheguei aqui eu era rapizim novo, eu era uns 16 anos ainda, ai é essa luta todinha, desses primeiros 10 anos de luta que nós passamos aqui e, eu toda vida solteiro, tinha minha mãe comigo e um irmão meu que tinha também um pedacinho de terra aqui, e ai lutamos, depois que eu arrumei família minha mãe foi embora morar com outra irmã minha, e ai eu tenho 10 ano de casado, tenho um relacionamento bem com minha família, tenho 2 filhos, um de 5 ano e uma meninazinha de 2 ano, mas graças a Deus vivo bem e agradeço muito a Deus pela vida que tenho hoje que do início de onde vim, da raiz que vim, hoje que eu tenho que agradecer a Deus que a minha batalha não foi fácil, nem só a minha como dos meus companheiros também e acho que todo mundo fala pela mesma boca pelo mesmo sentido do que to falando, aqui não foi fácil pra nós, e eu agradeço muito a Deus pela vida que eu tenho hoje!

Entrevistador: *Quando você faz essa colocação também quero fazer uma em forma de pergunta! No primeiro momento que vocês entraram aqui pro assentamento, existia uma forma de trabalho, esse trabalho pelo que observo, era forma de mutirão. Como acontecia esses mutirão?*

Entrevistado: Era assim, a gente trocava diária, uns chama diária outros chama dia, porque era assim, a gente não tinha condição de pagar um dia de serviço pra um companheiro, pra um vizinho da gente, a gente não tinha condição de trazer um trabalhador de fora pra gente pagar uma semana de serviço pra gente fazer uma impleita, uma coisa, então a gente.... rapaz eu quero brocar minha roça, quero derrubar minha roça, não tinha esse negocio de motosserra

nem nada, tudo era na foice e no machado, então a gente juntava os vizim hoje tal dia a gente vai fazer a roça de fulano, a gente ia brocava, aí outro dia a gente ia pra fulano, quando terminava de brocar de todo mundo, voltava derrubando. Agora vamos derrubar a roça de fulano, aí só plantava, você limpava sozim. Quando chegava o tempo da colheita pela mesma forma, chegava o tempo de colher você fazia os mutirão, cortava o arroz e bater, depois que ta no paio e quebrar milho, essas outras coisas você fazia sozim, mas a gente trabalhava mais em forma de mutirão, o pessoal era muito unido por esse lado. Chegava pra fazer uma casa, um barraco, nesse tempo tudo era barraco, bem ia fazer um barraco, aí os vizim vinha todo mundo, lhe ajudava cobrir, muitas vez fazer um mutirão pra ajudar tapar, quem queria tapar de barro, juntava, fazia aquele mutirão, tapava, aí as coisas funcionava sempre assim, mutirão que todo mundo fraco de condição, era uns ajudando os outros que não tinha outro meio mesmo de resolver de outro jeito.

Entrevistador: *E esses mutirão deixaram de existir por quê?*

Entrevistado: Assim, porque aonde as coisas vai melhorando, muitas vez vai chegando gente de fora e aí cada pessoa que chega de fora tem um ritmo de trabalho, tem muitas vez, tem uma condição melhor que o que já tava ali, aí eles quando trás, eles já traz o ritmo de trabalho deles, e aí aquilo foi acabano, a pessoa que chega de lá já tem uma condição de pagar um dia de serviço, já traz um trabalhador pra trabalhar, e aquilo foi deixando de existir, aí hoje não existe mais o mutirão! Aí existe assim, tem uma coisa aqui que o pessoal são muito unido pro lado da doença, porque igual acabei de falar uns poucos minutos atrás. E a saúde aqui não é de boa qualidade, e por lado da doença igual muita vez a pessoa ta doente, ta precisado, aí é a hora que chega todo mundo junto, muita vez você não tem um dinheiro pra você ir num socorro rápido que você ta precisano, o vizim ajunta, tenho tanto aqui, outro tem tanto, um dá um dinheiro outro dá uma galinha dão qualquer coisa e se ser preciso e hoje já tem um pedacim de estrada que dá de sair de carro, mas igual uns tempo que teve uns tempos atrás que não tinha como, tirava na rede de qualquer jeito, mas achava um jeito de sair, aí é sempre nos primeiros momentos assim!

Entrevistador: *E colocando uma questão em pauta, o que você pode falar assim, os momentos de maior tristeza que já aconteceram aqui no assentamento?*

Entrevistado: Rapaz, as maior tristeza aqui, era assim, quando a gente tava, igual a gente tava trabalhando animado e aí chegava uma notícia, amanhã vocês tem que desocupar isso aqui, vocês tem que ir embora daqui porque aqui não dá pra vocês que a firma não deixa vocês aqui, aí aquilo era uma tristeza muito grande pra gente, porque o tanto que a gente lutava e tinha vontade de possuir um pedacim de terra, aí chegava uma notícia dessa aí a gente

ficava desanimado, igual eu uma vez mesmo tava brocando um pedacim de roça mais 2 companheiro, ai chegou outro companheiro e disse: “pode parar o serviço” era uma 2 hora da tarde, rapaz, mas o que foi moço? Nós comecemos trabalhar agora? Ele disse: “não, porque a firma amanhã já vem com não sei quantos homem ai pra tirar todo mundo daqui de dentro, pode largar o serviço ai e vão se esconder, porque se não eles vão tirar nós, ai aquilo dava uma tristeza muito grande na gente, outra vez meu irmão tava bem ali plantando um pedacim de arroz quando aconteceu a mesma história, ai o pessoal chegou avisando que era pra sair todo mundo, ai minha mãe já tinha umas galiinha no terrero, falou que daquele dia em diante não ia mais criar, ia comer as galinhas ela tudo que pra tirar, carregar nas costa não tinha jeito, ai aquilo dava uma tristeza muito gande na gente, a gente trabalhando animado, chegava uma notícia desse a gente ficava triste e pensando o tanto que a gente já tinha sofrido ali, trabalhado pra ter ficado perdido, porque você ia sair sem direito a nada, ai aquilo dava uma tristeza grande. Outra vez você tinha um vizim que tava doente, igual o povo sofria muita gente aqui de malaria, eu acabei de sitar na gora do fi do meu vizim morreu quase a mímica por não ter um socorro e a gente ter um conhecimento pouco, e ai aquilo tudo dava um disanimo na gente, mas nunca... Deus abençoou que nunca fez a gente larga quilo ali, a gente toda ávida naquele objetivo, naquela esperança de um dia melhor e isso graças a Deus aconteceu, não ta de qualidade mas ta dano pra gente viver. Isso tudo era momento de tristeza pra gente! Que a gente maginava de largar aquilo dali e procurar outro mei, mas pela vontade que a gente tinha, a gente não abandonar!

Entrevistador: *Certo! É já que comentamos sobre a tristeza e agora vamos falar um pouco de alegria. Qual foi os melhores momentos ou as maiores alegria aqui dentro do assentamento?*

Entrevistado: A nossa maior alegria, eu acho que pra todos nós que iniciemo isso aqui, eu acho que nossa maior alegria aqui foi no dia que a dotora Bernadete chewgou e falor pra nós, eu to aqui com o documento pra assinar pra vocês perante vocês aqui que a luta de vocês chegou o fim, hoje ta tudo resolvido, hoje eu vou assinar pra vocês, o projeto de assentamento de vocês tá criado, acabou todo conflito, eu já escolhi o nome só quero saber se vocês aprova, nós foi e perguntamo ela qual era, ela disse se chama PA/Liberdade, nós achamo muito bom esse nome proque era uma coisa que nós esperava há muito tempo, nós se libertemo daquela cruz que nós vin-a carregano, ai eu acho que foi a maior alegria, todo mundo choror nessa hora, abraçou os companheiro, chorou muito e ficou muito emocionado e daquele dia em diante só foi festa, acho que foi nossa maior alegria esse dia! Até hoje neu falar me emocioo ainda!

Entrevistador: *É olhando a realidade do que você acabou de colocar, a gente ver um pouco do descaso do poder público, ou seja, das políticas voltadas pra o assentamento, o que você colocar sobre esse caso, essa política?*

Entrevistado: A política hoje é um tema até mei difícil pra gente comentar ele, porque hoje [o galo que estava bem próximo de nós neste momento interrompeu um pouco cantando] não só hoje como de vários muitos tempos atrás, hoje pro lado que você meche, pro lado da política é só corrupção. Hoje você aposta num político com todas as letra e quando chega lá no final da história que vai ver ta tudo negativo [galo repete seu canto] hoje o cara vem pede vota e faz e acontece, igual nós aqui todo vez foi iludido por ele, que o político quando vem aqui só vem aqui no tempo de pedir voto prometer, fazer e acontecer, depois que ganha ele nem sabe mais que a gente existe [o galo repete seu canto novamente] ai a política aqui sempre foi um caso assim mei disdechado, ele não tem importado com nada, a gente corre atrás eles promete mas não cumpre, ai a gente vem sempre lutano quase só mesmo, não tem político pelo mei, a política aqui nunca funcionor não [o cantar do galo atrapalhou um pouco a compreensão do áudio] porque a gente mora tão próximo de Marabá que é uma cidade polo, aqui nós mora é município de Marabá, só que nosso movimento mais é pra São Domingo pro já esse pouco caso de Marabá, porque os políticos de Marabá não frequenta aqui, não ajuda em nada [o galo continua cantando] durante esse tanto de ano que nós tamo aqui, esse ano de 2015 que o prefeito de Marabá botor uma patrol aqui [o barulho que se houve são as criança brincando] no maior período de inverno pra fazer as estrade que não teve como trabaiar, apenas ela passou limpando as beira das estrada ai, não tampou um buraco que não tinha como tampa mesmo [mais um cantar do galo] e foi simbora e pela primeira vez durante esses 20 ano já 21 ano quase foi aconteceu a primeira vez. Esses pedacim de estrada que foi feito primeiro já foi o Incra que fez, mas a política mesmo, prefeito de Marabá, esse pessoal nunca fez nada de estrada pra nós aqui não!

Entrevistador: *Só fazendo um breve comentário, quando você coloca o sofrimento, a luta, a batalha de todos os moradores, principalmente os que vieram na época, hoje eles constam a maioria, como é que tá? Já foram embora?*

Entrevistado: Não, hoje é menoria! Aqui tem poucos pioneiro [a criança no momento arrasta um andajá que faz grande barulho] como no dize mesmo antigo, pioneiro aqui são pouco, porque muito é igual eu falei, tava acabano de falar, muitos é chegou o cansaço, já pela idade outros pelo sofrimento, doenças e as dificuldades [galo cantando] e vai morrendo as esperanças e morreu as esperanças pensando que nunca ia melhorar, e ai o pessoal foram saindo procurando região melhor, outros saíram mesmo pra cidade, outros saíram pra procurar

emprego, largaram as terras, venderam, vende de qualquer preço no tempo que não tinha valor mesmo, era trocado em qualquer coisa, por um pouco de mais de nada, e ai muito largaro ai, foram simhora, e ai o pessoal aqui hoje, pioneiro do início aqui hoje é contado aqui bem poquim, eu sou um deles, mas já sofri muito e eu acho que eu enfrentei isso aqui porque eu tinha muita vontade, porque dá onde eu vim eu não ia achar outro meio de possuir um pedaço de terra, e ai minha vontade era muito imensa de possuir um pedacim de terra pra gente trabalhar e pedia muito a Deus que Deus me mostrasse o caminho de eu achar um pedacim de terra e Deus me abençoou e então eu acho que por essa imensa vontade [o gala canta de novo] que eu tinha que eu ainda hoje to aqui, mas não foi fácil e eu rapaizim novo naquele tempo ainda com muita vontade de possuir e corage de trabaiar, guentei até agora igual tem outros ai mas é poucos companheiros, mas a maioria saíram outros mesmo, tem outro companheiro que morreram doentes outros mesmo de veice, nós hoje samo poucos pioneiro!

Entrevistador: *Certo! É quando nós colocamos a questão aqui do próprio assentamento que você coloca de alegria de tristeza, também tem as ação, digamos as ação daquilo que a gente vem planejano do que a gente vai produzino, hoje pelo que se observa a maioria produz leite, outros comercializa o gado, mas ainda tem algumas famílias que você colocou também que ainda produz agricultura como o milho, arroz, feijão, tem outra forma de sobrevivência também aqui dentro do projeto?*

Entrevistado: Assim, não, não tem não, porque a forma de sobrevivência é essa mesmo, agricultura e a pecuária, algum que tem algum empreguim igual do colégio, só do colégio mesmo que quem tem emprego é do colégio mesmo, não tem agente de saúde nem nada, que tem algum empreguim do colégio que é merendeira, que professor daqui de dentro mesmo não tem nem um, tudo é de fora, que é empregado mesmo aqui só 2 mulher [a criança pega uma galinha que fica gritando] colono aqui que são merendeira do colégio aqui, ai a fonte mesmo de renda aqui são essas mesmos: pecuária e agricultura!

Entrevistador: *Certo! Mas futuramente vocês tem algum projeto pra alguma ação aqui dentro do assentamento?*

Entrevistado: Assim, tem, já teve, é tem uma prestadora de serviço que ela agora encerrou o contrato dela, ela fez vários projetos aqui, e a gente animou pelo aquilo né igual um incentivo mesmo na agricultura e ia ter maquina tudo, que ia ter um incentivo do governo, do Incra e pra gente melhorar a agricultura, só que isso ficou no papel, isso não chegou acontecer, ai é aquela coisa, o pessoal vem cançano de esperar e vão procurano outras pontes, outras caminhos outros mei de sobreviver, porque já esperaram e não aconteceu, mas o projeto teve

de dá um melhoramento na agricultura, projeto de piscicultura, projeto de artesanato, tudo essas coisas já teve, só que só ficar no papel, não chegou acontecer na pratica não!

Entrevistador: *Mas, digamos, os moradores criaram um grupo que fosse atrás desses projetos, tivessem luta em busca desse trabalho?*

Entrevistado: Não! A Emater veio, elaborou o projeto, os moradores assinaram o que queria e ela prometeu pro pessoal que ia trazer isso pro pessoal, aí trazer treinamento e as pessoas capacitadas pra fazer o treinamento isso aí o pessoal ficou esperando que viesse como ela prometeu, aí como ela não veio o pessoal também não correu atrás, ficou nisso mesmo o pessoal não foram atrás não!

Entrevistador: *para concluir esse trabalho, gostaria seu José que você fizesse um comentário da sua vida hoje, como ela se encontra? Como você vê atualmente?*

Entrevistado: Rapaz, hoje no momento, é como eu acabei de falar ali atrás, eu agradeço muito a Deus, hoje eu tenho uma vida razoável, hoje eu tenho minha vaquinha, tenho meu pedacinho de terra em primeiro lugar, onde eu morar, tenho a vaquinha de beber o leite, tenho um gado de corte que a gente vende aqui acolá pra socorrer uma precisão, tenho meu terreiro de galinha, tenho um sítio bom, lugar sempre de eu atar uma rede pra mim dormir um soninho meio dia despreocupado. Trabalho o dia que eu quero, ninguém chega me abusando mandando eu trabalhar com meu serviço. Eu vivo uma vida razoável hoje, tenho uma motinha de andar na hora que eu preciso, tenho a minha família que eu agradeço todo dia a Deus por isso, que Deus me deu uma família que eu amo, uma família que sempre eu pedi a Deus. Vivo muito bem com minha esposa com meus dois filhos que são crianças mas são um amor de pessoa pra mim, e eu agradeço a Deus por eu tá nesse momento de felicidade pra mim porque dá onde eu vim o quanto eu sofri, sei o quanto eu batalhei e ter chegado hoje aqui é muita fé em Deus e vontade mesmo porque a minha vida não era fácil, era só de sofrimento e tristeza e caçando um caminho melhor pra conquistar o dia a dia com mais facilidade e não achava até que Deus me iluminou, me mostrou esse caminho, graças a Deus eu venho seguindo e sempre agradecendo a ele e na paz e lutando sempre pelo um dia melhor porque a gente nunca pode deixar de lutar, mas graças a Deus eu vivo em paz e sossegado com minha família.

Entrevistador: *Seu José, agradeço pelas orientações, pelas dicas, os comentários que você fez sobre sua história a história do assentamento e que você tenha uma boa tarde!*

Entrevistado: Muito obrigado e que você tenha um bom trabalho!

Entrevistador: *Obrigado!*

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO 03

Data: 03 de Maio de 2015. **Local:** PA/Liberdade Marabá-PA.

Nome: João Evangelista dos Santos. **Idade:** 52 anos

Onde mora: PA/Liberdade município de Marabá-Pa.

Natural de: Água Boa. MG. **Escolaridade:** Ensino Fundamental.

Trabalho que desenvolve: Produtor Rural.

Entrevista realizada por: Aldenir Rodrigues dos Santos.

Duração da entrevista: 44 minutos e 49 segundos.

Entrevistador: *As 10h30min continuo com minhas atividades que é visitar os moradores do assentamento e por esse motivo estou aqui para entrevistar mais um. Primeiro lugar bom dia!*

Entrevistado: Bom dia!

Entrevistador: *Qual o seu nome?*

Entrevistado: João Evangelista dos Santos.

Entrevistador: *seu João quando você nasceu?*

Entrevistado: em 1963.

Entrevistador: *quando você nasceu, em que cidade, estado ou município?*

Entrevistado: Eu nasci em Minas Gerais na cidade de Agua Boa Mina Gerais!

Entrevistador: Como foi sua juventude, você pode falar um pouco pra gente?

Entrevistado: Minha juventude foi não foi muito boa, porque nós era muito pobre e nós morava num barrilzinho muito pobre e meus pais tinha muito filhos e ai a gente tinha que trabalhar muito pra poder sobreviver ai meu pai morava em Mina Gerais, ai lá não deu mais pra viver, ai veio pra Araguaína que é a cidade de Tocantins, nesse tempo era Goiás e ai comprou um pedacinho de terra lá aberando a cidade de Araguaína e ai foi trabaiaar numa fazenda e ai minha mãe fica na terrinha que ele comprou lá ai nós ia trabaiaar na fazenda, e ai era muito longe a gente ia de pé outra vez amontado e ai nesse intervalo foi uns 10 anos que trabaiaamos nessa fazenda lá.

Entrevistador: *E quanto o relacionamento de seus pais, como eles se conheceram até chegar o casamento construir família? Você lembra de alguma coisa? Historia que eles contam como eles se conheceram, como foi o namoro casamentos?*

Entrevistado: Não! Isso ai eu não sei contar nada não!

Entrevistador: Mas a família é constituída de quantos irmãos?

Entrevistado: Nós somos 6 irmãos, 4 mulher e 2 homens!

Entrevistador: E na sua juventude que acesso vocês tiveram a educação?

Entrevistado: Há a educação, nós morava lá num bairrozinho de Araguaína e ai nós trabaiva na fazenda e estudava, ai lá tinha um porém, que naquele tempo tudo era atrasado, não tinha merenda, não tinha transporte e ai a gente trabaiva na fazenda, ai meu pai sai pra trabaiair na fazenda, e ai nós tinha que estudar, tinha que trabaiair, e ai nós corria muito pra poder da conta, e ai naquele tempo quem não tinha condição de pagar a senhora de caixa escolar não tinha essa merenda e nem tinha acesso também negócio de lápis, borracha, caderno, livro que era tudo comprado, farda, e ai lá tinha o sindicato, ai aqueles pai que tinha condição de pagar o sindicato, pagar a caixa escolar, ai os aluno tinha merenda, tinha borracha, tinha o caderno o livro e a farda, ai aqueles que não tinha via os outros merendar e ficava só oiando, e ai naquele tempo lá também os alunos era muito castigado. É o aluno tem que dá o dever, tem que trabaiair, e ai tinha que se virar pra poder da conta disso tudo. Inclusive o aluno que não desse conta da tarefa ficava de castigo, ia pra palmatora, e ai nós lá em casa, meu pai conseguia pagar a caixa escolar o sindicato e ai nós tinha o caderno, tinha o lápis, tinha a borracha, mas nós era muito castigado sobre castigo da escola mesmo, as normas da escola. Professor naquele tempo também puxava a orea, botava de castigo, mas era bom porque os alunos aprendia. Naquele tempo a educação que nem eu que só estudei até a 4ª serie, mas naquele tempo aluno respeitava os professor, respeitava o pessoal, aluno não andava com falta de respeito dentro da aula, não conversava, se conversava ficava de castigo, até que uma vez lá por causa de uma merenda que eu não gostava de comer ela [o próprio entrevistado sorrir do acontecido] ai eu rejeitei a merenda lá e por causa disso eu peguei um meio dia de castigo, me botaram lá preso na sala de merenda e até que fiz um dano lá na merenda, até os professor se assombrou do ato que eu fiz lá que eu tava com muita fome e ai a merenda que eles me deram lá no dia que eu não comia que era um macarrão cozinhado com leite ai eu falei que não comia aquele negoço que parecia um entala gato e por causa disso eu passei meio dia de castigo, me prenderam lá na sala de merenda e ai eu comi umas bolachas lá com leite ninho [neste momento eu sorri pela ação do entrevistado] E AI PEGUEI O RESTO E JOGUEI NA PAREDE, ai peguei mais outro dia de castigo e fui expulso 15dia do colégio e peguei uma boa PISA.

Entrevistador: *Sim! E a sua juventude, a partir do momento em que foi se formando, rapizinho como foi?*

Entrevistado: Foi muito pesado, porque nós tinha que trabaiair, e assim que nem eu disse que meu pai trabaiva longe era assim base de uns 10 quilômetros lá do bairrozinho que nós morava lá na fazenda com o senhor Sebastião Dorado, e ai eu como era o maiozinho dos homem, ai eu tinha que ficar em casa, ai meu pai saia sedo pro trabaio e ai eu tinha que levar

o almoço 10 hora e ai nós trabaiava até 4 hora da tarde lá ai eu voltava pra casa e de casa pro colégio dava mais ou menos uns 9 quilômetros ai eu tinha que tomar banho e 6 horas tá no colégio, não podia chegar atrasado nem um minuto por que se não entrava, ai eu estudava até as 11 da noite e quando eu chegava em casa já era mais ou menor de 12 pra 1 hora e ai tinha que levantar sedo de novo pra outra jornada de novo pro outro dia.

Entrevistador: *E o que levou a migração até chegar aqui no PA/Liberdade?*

Entrevistado: É que nem eu tava dizendo, nós trabaiava na fazenda de senhor Sebastião Dorado, ai houve uma envasão no dois irmãos é no município de São Geraldo este fazendeiro também tinha outra fazenda aqui perto de São Geraldo e ai como ele era fazendeiro ele não podia mecher com terra, e ai ele comprou lá duas terra na envasão, na região da Fortaleza, e ai como ele era fazendeiro e não podia possuir as terra, ai os invasor lá da envasão expulsou ele da área de envasão lá, e ai como nós já travaiva com ele já uns 10 ano, ai ele procurou meu pai se ele não queria tomar de conta daquelas terra que ele já tinha ele muito tempo trabaiando mais ele, tinha muito amizade por ele, e ai nós nunca tinha condição de comprar uma terra ai ele disse: rapaz eu mesmo não tenho coragem não, agora se meus meninos quiser tomar de conta que era eu e outro irmão meu já grandim, se eles quiser tomar de conta, eles pode ir tomar de conta da terra lá, e ai foi como nós viemo lá de Araguaína lá pra esse assentamento lá, essa invasão lá da Fortaleza, e ai nós travaiemo lá 18 ano, muita luta também, muita aflição, naquele tempo também era muito difícil, quase as lei não apoiava assim, é invasão, e ai foi muito difícil pra nós, mas ai conseguimos vencer lá, e ai as terra que ele tinha cedido pra nós, o meu irmão ficou com uma e eu fiquei com outra, mas ai eu peguei uma terra de área seca que não tinha água, e nós não tinha condição naquele tempo de pagar uma máquina pra fazer represa, e ai comecemos criar umas cabecinha de gado lá, e ai eu resolvi vender lá no dois irmão, foi o tempo que surgiu aqui essa envasão aqui no PA/Liberdade que antigamente era cosipar, ai eu resolvi vender lá e vim pra cá, ai eu comprei um pedacinho aqui já depois da invasão já uns 3 ano, e ai é o causo de nós ta aqui no PA/Liberdade.

Entrevistador: *Dentro desse período que você possuiu a primeira terra e passou pra segunda, houve um processo de relacionamento de casamento, construiu alguma família?*

Entrevistado: Sim! Lá na Fortaleza eu comecei a gostar de uma menina lá e ai chegou o tempo, uns dois ano mais ou menos, ai nós casemo tivemos dois filho, ai nesse período de 18 ano que morei lá, ai lá mesmo nós separemo, ai ficou só os dois filho ela tomou de conta uma temporada, ai depois ela não deu conta de tá com os meninos, ai eu ajudando, mas ai ela disse que pra ela era muito difícil, que ela era muito jovem e ai empaiva ela ir pro evento dela, pra as brincadeiras, e ai ela deixou esses meninos com a mãe dela, ai eu ajudando quando podia

ajudar, ai eu vim pra cá que fiz o meu barraquinho aqui na terra, na cosipar, na envasão da cosipar, ai ela resolveu me entregar os meninos, ai foi um tempo muito difícil, eu com dois meninos mas sempre com a ajuda do vizinho, um dia ficava na casa de um, um dia ficava na casa de outro, quando a coisa apertava aqui que ainda era meio novo a envasão e ai ainda tinha muita ameaça, ai a gente corria com eles pra fora da área e ai por diante.

Entrevistador: *quando você chegou aqui como era o PA/Liberdade para hoje?*

Entrevistado: Há o PA/Liberdade naquele tempo era muito difícil, a gente não tinha estrada, a gente vinha lá do dois irmão como citei a gente vinha montado, quando era no inverno a gente vinha de a pé, e ai agente sai de lá sedo chegava aqui de noite que era mais ou meno uns 60 quilômetros, e ai trazendo o que comer pelos uns 8 dia uma semana, e ai quando acabava aquele de comer você tinha que voltar pra traz pra trabaiar lá uma semana ou duas lá fora que não tinha condição, não tinha conhecimento com os fazendeiros que podia pagar uma diária pra gente, fazendeiro era muito desconfiado da gente, do pessoal, e ai a gente volta lá pra trabaiar pra comprar um ranchim pra ter mais alimento pra conseguir ficar mais uns 15 dias 20 dia dentro do PA e assim por diante.

Entrevistador: *Quando vocês chegaram pra cá, pelo que a gente ver, provavelmente era mais mata do que abertura e houve uma grande evolução, mas quando se trata do período dessas matas a gente volta lá atrás e lembra um pouco das doenças, nesse período como era que acontecia esse meio de transporte, como era atendida a saúde?*

Entrevistado: Era muito precária, não tinha um agente de saúde, a gente não tinha acesso as cidades a de Marabá e São Domingos, ai quando adoecia uma pessoa a gente tirava como podia, na rede era mais malária, inclusive meus meninos mesmo foi tirado umas duas vezes, quase como morto, é com a ajuda do vizim, nós viajava as vezes a noite todinha até amanhecer o dia com a pessoa na rede até ter acesso a um lugar que tivesse um carro, uma linha de carro pra poder botar no carro pra poder levar pra cidade pra poder fazer exame e era muito difícil.

Entrevistador: *Você colocando a dificuldade, hoje já tem essa facilidade?*

Entrevistado: Já porque hoje em dia já tem mais umas estrada, o incra fez uns quilômetros de estrada e as outras áreas que nem a Patauá, a área da Fortaleza, já tem estrada, já tem a estrada daqui de São Domingos que liga aqui o PA/Liberdade, tem o centrão que também já liga com estrada melhorzinha também, e ai hoje em dia a gente já tem um meio de transporte já tem uma motinha veia, tem um carro que faz a linha ai também três vezes por semana, e ai ficou mais fácil que quando adocece uma pessoa que não pode tirar no carro de linha tira de moto, ou já tem alguém dentro do PA que já tem carro e a gente bota no carro e leva pra cidade, pra

tratamento que nosso PA aqui ainda ta faltando posto de saúde, não tem agente de saúde, e ai ainda ta um pouco difícil ainda.

Entrevistador: *Quando a gente volta lá na história da criação do PA no começo o que você pode destacar como as maiores dificuldades das lutas? Falavam que o pessoal ainda tinha um poder de dominação aqui. Qual eram essas dificuldades?*

Entrevistado: As dificuldades maior no meu ponto de ver é quando surgiu a primeira associação que a gente surgiu a primeira associação pra lutar contra a firma e ai se levantou um grupo a favor da firma, assim meio encubado que a gente não deu pra perceber no começo, mas ai do meio pro fim a gente foi percebendo os interesses deles e da firma, alguém da primeira associação se vendeu como vários companheiro já colocou, e ai foi muito difícil pra gente descobrir e por desmembra esse segredo, até que fazer outra associação e ai ficou um grupo de colonio batendo de frente com o outro grupo, e ai era muito difícil, era aquele convecera, era aquela fofoca e a gente corria pra mexer com um tipo de interesse e os outros corria por traz pra desmentir a gente la nas entidades competentes que ajudava os sem terra que chegava aqui no PA, mas ai por diante, a gente foi lutano, foi lutano, foi pelejano até que chegou o ponto de liberar a área de terra aqui pra nós.

Entrevistador: *Você colocou a questão da saúde, é alguém aqui dentro do assentamento já chegou a perder parente ou familiar?*

Entrevistado: Sim! Teve um vizinho nosso que tinha um filho dele que adoeceu e por falta de um transporte, por falta de um posto de saúde, por falta de um agente de saúde, acabou o filho dele adoecendo.

Entrevistador: *Quanto a história do PA que a gente coloca, a gente ta vendo as dificuldade e hoje a gente já comemora um pouco de vitória, mas ai quando a gente volta e olha essa realidade, você colocou que a questão de estrada era muito difícil, hoje ela já melhorou um pouco?*

Entrevistado: Mudou! Mudou bastante. Só não mudou 100% porque tem uns lugar que não tem ponte e ai tem o inverno que fica muito difícil o acesso a cidade e ai a gente vai remendando as estradas como pode, aqui acular aparece uma máquina de uma prefeitura a gente ajeita um pedacinho de estrada, ajunta os vizim também quando ta muito ruim nós paga umas hora de máquina pra ajeitar os lugar mais preciso e ai vai levando a vida.

Entrevistador: *O acesso que vocês tem daqui pra cidade, quais são as cidades que vocês tem mais acesso?*

Entrevistado: Provavelmente nós moramos aqui no município de Marabá, mas nosso acesso mais é pra São Domingos porque é mais perto e a estrada é melhor e o prefeito ajeita mais as

estradas, o prefeito de Marabá quase não comparece aqui no nosso assentamento, assim com máquina, com uma estrutura melhor pra poder a gente poder tira nossa escoação pra cidade que é a cidade de Marabá que nós moramos no município dela não dá uma assistência como tinha que dá.

Entrevistador: *Quando vocês entraram pra cá, como era a forma de trabalho, como só grupos se organizavam pra desenvolver essa ação?*

Entrevistado: Quando nós entramos pra cá a gente não tinha condição de pagar uma pessoa pra ajudar a gente e a vida era muito corrida e a gente era muito pobre, mas uma pobreza que tinha uma união, a gente se juntava pra fazer as roças dos vizinhos ai a gente trabalhava em forma de mutirão. Ai hoje era pra fulano, amanhã pra ciclano, amanhã pra seu bercano, e ai quando terminava de brocar as roças, ai a gente voltava derrubando, naquele tempo a gente quase ninguém tinha motosserra era tudo no machado, ai juntava os grupos e ia pra roça de seu fulano, de seu bercano, e ai todo mundo fazias suas rocinhas, plantava seus legumes e quando era na hora da colheita a mesma forma, a gente ajuntava na roça do vizim, hoje é do seu fulano de tal, amanhã do seu ciclano, depois do seu bercano até que concluía as colheitas.

Entrevistador: *A questão de desenvolvimento da comunidade, a gente ver que evoluiu também, mas nessa evolução teve todo um processo, toda uma burocracia. Qual era o órgão daqui da própria comunidade a lutar por esse desenvolvimento?*

Entrevistado: O órgão daqui era a CPT era a FETAGRE era o INCRA junto com as associações, e ai juntava o grupo e ia pra Marabá, lá se unia com o sindicato dos trabalhador, com a CPT, com o INCRA, qual era a melhor forma de trabalhar até que chegou à conclusão de melhorar um pouco pra gente.

Entrevistador: *Pra acontecer esse processo de desapropriação e apropriação de vocês, foi uma luta fácil, como ela aconteceu?*

Entrevistado: Não foi difícil, é porque no começo a gente não tinha conhecimento lá com o pessoal, a gente era muito assim, e não tinha conhecimento ainda com Marabá, não sabia onde ir buscar direito, e ai a gente foi pegando conhecimento, foi trabaiando com o sindicato, com a fetagre, a cpt e o incra, ai foi tomando conhecimento com o pessoal, a luta foi muito pesada, porque a gente ia e quase não resolvia nada, tornava ir de novo, ai tinha vez que era preciso acampar, ai passava 2, 3 dias lá acampado lá de frente o incra lá na fetagre tinha um apoio lá os colonio, e gente passava lá 2, 3, 4, dias de reunião e ai a gente pouco conseguia as coisas, mas foi conseguindo de vagazinho, de vagazinho, ai ate que conseguiu o desapropiamento da área de terra aqui do PA/Liberdade.

Entrevistador: *Você lembra quando aconteceu o desapropriamento e o apossamento de vocês?*

Entrevistado: Não me lembro não, mas foi em 98, se não me engano parece que foi em 98 ou 99, que a superintendente do incra que era a Bernadete veio trazer a portaria, assinar a portaria aqui dentro do PA, aqui! Foi um momento de muita alegria, quando ela anunciou que tava com o parecer do incra lá e assinou a portaria de PA e que daquele dia em diante a luta nossa tinha acabado, e não ia acabar assim, nós tinha que correr atrás de muitas coisas como: estrada, energia, ponte, essas coisas, mas sobre negócio de briga de confusão e sobre o medo da firma retirar nós de dentro da área tinha acabado naquele dia graças a Deus!

Entrevistador: *Pelo que ver, é um momento de alegria!*

Entrevistado: Momento de alegria!

Entrevistador: *A partir do momento da desapropriação e o apossamento de vocês começaram a surgir às estruturas físicas como: Estrada, energia, outros meios mais acessível pra vocês. Qual foi os primeiros meios que vieram?*

Entrevistado: O primeiro meio que veio foi o habitação né, não o primeiro meio foi o projeto fomento é o pequeno dinheiro que o governo destaca pra o assentado, pra poder segurar o assentado em cima da terra, era um meio assim de ajuda pra o assentado. Ai depois veio o projeto de habitação que é a casa que é um projeto pelo incra, ai foi feito nas comunidades pra quase todo mundo mais ainda parece que tem 3 ou 4 casa pra ser concluída ainda. Falta agora das que foi concluída, falta a reforma e concluir as 4 que ta faltando.

Entrevistador: E a questão de estrada, vocês tiveram algum benefício de algum governo?

Entrevistado: Tivemo, assim, eu não sei qual era o governo na época que tava no poder, mas foi com a nossa luta, nós se acampemos la no incra, parece que uns 14 dias redificando o benéfico que o governo bota no incra o dinheiro pra reforma agraria, e ai foi, nós foi e ganhemo 8 quilometro de estrada, e ai foi feito os 8 quilometro de estrada, mas ai ficou por isso mesmo, nunca mais teve uma reforma, nunca mais fizeram uma ponte, nunca mais botaram uma boeira.

Entrevistador: *Esses 8 quilômetros de estrada, ele contemplou todos os moradores, ou só alguns que foram beneficiados?*

Entrevistado: A memoria, porque o PA é muito grande e pra concluir o PA todo parece que é 33 quilômetros, não sei se 35 quilômetros de estrada, e ai essa outra parte que falta concluir ajunta o pessoal da comunidade ai paga hora de máquina pra poder ir fazendo as estradas.

Entrevistador: *E outros benefícios, digamos também como energia?*

Entrevistado: A energia teve uma firma ai contratada pelo pessoal de PA ai pagou uns quilômetros de energia ai, todo mundo desembolsou ai uma boa parte, os que pode, os que não pode ficou sem energia. Ai quando foi com uns 6 meses ai veio a energia pra todos foi que melhorou, ai foi botado nas casas.

Entrevistador: *Mas essa energia também contempla todos os morador?*

Entrevistado: Ainda tem uns que não foi contemplado não! Ainda falta uma boa parte ainda, que uma boa parte do pessoal aqui do assentamento tem energia porque pagaram, da energia particular ainda, e tem outros que ainda tão sem energia ainda que não derão conta de pagar e não foram contemplado com a energia para todos ainda tem uma boa parte do PA, parece que umas 4 a 5 casas ainda que não tem.

Entrevistador: *E quando a gente volta e olha a realidade da comunidade, falar um pouco do histórico da educação. Você lembra quando foi criado o colégio? Como era antes? Como ta hoje?*

Entrevistado: A época certinha que foi começada o colégio eu não sei, mas foi começada, os colonos se juntaram fizeram um colegim lá de tabua lá no trevo (vila do assentamento) e coberto de cavaco, e as cadeiras eram uma tabua por cima de um cepim cortado para botar as tabuas em cima, a mesa lá era uma forquilha com umas travessinhas, o quadro era de péssima qualidade também, e ai foi que o pessoal se juntaram e ai foram lá na secretaria de educação e reivindicaram lá muitas vez, e ai foi que vei a secretaria na vila ver a situação, ai foi que foi recardado um dinheiro lá do estado lá, ai foi que foi feito um colejim melhor que é o colégio que tem hoje ai, e já tem mais professor, já tem diretor, tem merenda e já tem um carrim pra carregar um aluno, e ai já melhorou muito.

Entrevistador: *Você sabe dizer até que nível de escolaridade a escola oferece hoje?*

Entrevistado: Até o segundo ano, tem um colegim aqui que tem duas salas mas uma é particular é numa casa, a prefeitura alugou uma casa dum colono, mas tem 2 sala, tem 4 professor, tem um diretor, tem um guardazim, e ai já melhorou muito, tem a merenda escolar.

Entrevistador: *Voltando o olhar, naquele tempo o índice de produção naquele período, houve mais comentários que era mais a agricultura, e hoje como essa produção está sendo desenvolvida e qual é o tipo de produção que mais se desenvolve no setor?*

Entrevistado: O tipo de produção que mais se desenvolve é o leite, ai como é, já não pode mais derrubar, as terra tem pouquinho mata, ai fica muito negócio do meio ambiente e ai tem a... quase todo mundo aqui no PA tem um pedacinho de terra cercado, ai mercaniza a terra, ai planta, ai coi aquele pedacinho de coisa, ai planta a mandioca, planta o milho, planta o arroz, mas já é em área separada pra não queimar, ai cerca um pedacinho de chão ai todo ano planta

ali, mas dá um mato danado, a gente já não tem muita produção porque a gente não tem condição de pagar uma máquina assim, mais hora e não tem condição também de estruturar a terra, é dá muito mato e ai a produção daqui é muito pouquinha. A produção daqui mais daqui é o leite mesmo.

Entrevistador: *Porque no primeiro momento desenvolveram a plantação do capim né? E com isso hoje permanece mais a área da pecuária!*

Entrevistado: Mais a área da pecuária, porque é a área mais fácil, voltando atrás sobre as estradas, porque não tem estrada, não tem uma estrutura boa pra se tirar a produção, ai o pessoal investiu mais em capim, porque o gado se tira de pé coloca pra uma balança, pra um fazendeiro pra um curral melhor onde vem uma carreta, porque aqui tem tempo que nem de moto ta dando pra andar, ai a gente leva o gado assim, tocado as vez 10 quilometro 15 quilometro até ter acesso um local que der pra uma carreta vim. Ai cada quem junta uma vaquinha, junta um bezerrinho ai leva e vende pra poder ir vivo.

Entrevistador: *Olhando daquele período pra cá, hoje o que você acha que avançou e desenvolveu bastante?*

Entrevistado: O que avançou foi a criação do gado que a gente acabou de dizer! Avançou também a educação que já tem um coleginho melhor. Avançou também a estrada que já tem um pedacinho mais de estrada, e eu acho que é só.

Entrevistador: *Certo! E quanto a saúde, você colocou que até o momento não teve avanço e nem desenvolvimento, mas vocês tem alguma proposta?*

Entrevistado: Proposta tem, só que é assim, foi feito em reunião e ainda em pauta ainda, vamo ver o que vai acontecer porque falta fazer o posto e saúde, falta o agente de saúde na comunidade que é preciso, é cento e poucas familia e ai não tem um agente de saúde pra tomar de conta da população, de pesar uma criança, trazer um remédio pra dar pra comunidade, uma vacina contra gripe, contra o sarampo, contra paralisia, e ai ta na pendencia.a gente propõem nas reunião, com o pessoal que vem fazer reunião com a gente, mas ai fico só em pauta, até hoje nós não tivemos resposta.

Entrevistador: *Pelo que a gente ver quando entrevistou seu Raimundo, ele comentou um pouco sobre as associação, acho que são os órgãos de maior competência aqui no setor que ta desenvolvendo esse trabalho e pelo comentário dele a gente percebe que eles tem um pouco de revolta entre duas associação, no início era só uma, hoje é duas e isso faz com que barre um pouco dos projetos da comunidade. Você acha que isso interfere?*

Entrevistado: Interfere, porque tem duas associação, ai uma vai buscar um tipo de coisa e a outra vai buscar outro tipo de coisa e isso fica naquele falatoriozim, fulano quer se aparecer

mais que o outro, ai fica botando coisa na cabeça do povo e ai fica nisso mesmo, nem um nem outro não arruma nada, e ai o pessoal que é os sócios vai desvaniceno, vai largando de se reunir, larga de pagar a associação, e ai os presidente também se enfraquece, porque presidente tem que ta atrás dessas coisas todo dia na rua, e ai o presidente como se sabe ele não tem salário, ele trabaia assim: quais como um voluntario, e ai o pessoal largando de pagar e ai o residente também larga de andar e ai larga de tar pedindo as coisas nos órgãos competentes e ai fica nisso mesmo, e ai fica o pessoal sofrendo sem a saúde, sem uma educação melhor e barra tudo.

Entrevistador: *Fazendo um breve comentário sobre o histórico d comunidade, vamos colocar assim em pauta o que você viu, sentiu de maior tristeza do período que você entrou pra ca até os dias atuais?*

Entrevistado: Pra mim a maior tristeza foi quando a firma anunciou que ia tirar o pessoal que o diretor da firma entrou na vila parece com cento e oitenta policial, muito carro, tinha ate ônibus da transbrasiliana pra transportar o pessoal, porque ele disseram la que aqui tinha um pessoal que não trabaiva, que vivia com a cara pra cima que não tinha nada e ai a firma queria despejar o pessoal à custa de qualquer custo. Ai quando o policial chegou que andou na vila e viu vários setor em várias casas que viu a quantidade de gente, a quantidade de criação de porco de galinha, de roça, alguns já tinha um pouco de gado já, e ai o comandante da equipe, o oficial de justiça se quebrou de carne e viu que a coisa não era por ali que nem era contado pelo diretor da firma que era uma meia dúzia de pessoa que não trabaivava, só vivia de cara pra cima, caçando e fazendo fofoca, e ai eles botara na cabeça de pegar o lide que nem diz o líder do PA e mais outro rapaz que tava junto e levaro preso e ai esse dia foi o dia de tristeza de correria, de choro e muita gente quase se desvaneceu, mas ai com o presidente da associação e as entidades lá competente, lá em Marabá, ai se ajuntaro lá, se agruparo lá e ai acharo o meio de resgatar os dois que foram preso.

Entrevistador: *E o momento de alegria, qual foi o maior momento?*

Entrevistado: O maior momento de alegria foi quando a superintendente do incra que era a Bernadete veio com a portaria, pra assinar a portaria do PA aqui dentro do PA, que ela anunciou que o PA já não dependia mais da firma que já era um PA já... Até que por causa disso o PA pegou esse nome de PA/Liberdade,.. Foi libertado todo mundo das garras da firma quando ela assinou a portaria lá do PA aqui dentro da comunidade, ai foi o maior momento de alegria, foi festa, foi foguete, foi choro, foi abraço, e ai foi churrasco, e ai quase todos os anos nós comemora, comemoramos ainda umas duas, três ou quatro vez, mas foi um momento de muita alegria esse dia! Foi um momento de alegria mesmo!

Entrevistador: *Pelo que a gente ver, foi um momento aonde vocês sentiram que realmente o objetivo de vocês teve uma resposta, aonde todos se libertaram e puderam comemorar e até hoje vocês tem esse motivo pra tá comemorando!*

Entrevistado: Tem o motivo pra tá comemorando e vamos comemorar e com fé em Deus vai melhorar mais. Vamos lutar por mais estrada, por mais é, saúde melhor, vamos lutar pra ver se nós consegue mais benefício dentro do PA, nós nunca vamos se esmorecer com fé em Deus!

Entrevistador: *Só você mesmo fazendo uma colocação de tudo que você passou, de tudo que você viveu, que viu os companheiro na luta, todo mundo nessa garra pôr em prol dessas terras, hoje como você se sente hoje aqui dentro com os companheiros, com a família?*

Entrevistado: Eu sinto muito feliz, nós é liberto, a gente trabalha e vive livre, não tem mais aquele perseguição, não tem mais aquela fofoca e vamos continuar trabalhando e vamos continuar lutando pelas as coisas e pelo uma vida melhor.

Entrevistador: *Para concluir, eu gostaria de agradecer pela entrevista porque esse material é rico tanto pra mim conhecer a história da comunidade e desenvolver o meu trabalho como também pra vocês, pelo que a gente ver a colocação é que cada dia vocês tão se construindo mais, as famílias estão tendo mais um apoio, uma estrutura física, um acesso melhor. Pelo que se percebe todo mundo hoje tem energia em casa, tem uma televisão, uma geladeira, então a vida de vocês provavelmente mudou pra melhor. Eu agradeço pelo orientação, pelos seus comentários e que vocês possam continuar cada dia sempre progredindo nesse objetivo de vocês.*

Entrevistado: Não, quem agradece é nós aqui, fiquemo muito grato de receber essa visita e quando precisar de ter outra entrevista a gente tá disposto a dar e ai não tem nada que agradecer. A gente fica muito feliz, e meu muito obrigado e que venha sempre visitar a gente.

Entrevistador: *Obrigado digo eu e um bom dia!*

Entrevistado: Bom dia!

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA 04

Data: 02 de Março de 2015. **Local:** PA/Liberdade Marabá-PA.

Nome: Euza Abadia da Penha Cardoso **Idade:** não identificada

Onde mora: PA/Liberdade município de Marabá-Pa.

Natural de: Hidrolina Goiás.

Escolaridade: Ensino Médio.

Trabalho que desenvolve: Estudante.

Entrevista realizada por: Aldenir Rodrigues dos Santos

Duração da entrevista: 42 minutos e 02 segundos.

Entrevistador: *Estou aqui no PA/Liberdade para entrevistar mais uma moradora. Em primeiro lugar, boa tarde!*

Entrevistada: Boa tarde!

Entrevistador: *Qual o seu nome?*

Entrevistada: É Euza Abadio da Penha Cardoso.

Entrevistador: *Euza me conta um pouco da sua história da sua infância!*

Entrevistada: Olha, fui criada assim, uma infância meia pacata, no interior, morando na roça, meus pais não tinha muita condição, então assim, faltava brinquedo, principalmente os brinquedos atuais hoje na época não tinha, era aquela infância mesmo de roça.

Entrevistador: *Certo. Quando você coloca que foi criada no interior, esse interior fica onde?*

Entrevistada: É no Goiás, é na cidade de Hidrolina, município de Hidrolina no Goiás.

Entrevistador: *Certo. É como foi o acontecimento da construção de sua família, seus pais?*

Entrevistada: Minha mãe é filha de pequeno fazendeiro e meu pai. O pai dele era filho de um soldado do exército e o pai do meu pai morreu ainda muito jovem, meu pai teve que ajudar a minha vó a sua mãe criar os outros filhos, então ele ficou trabalhando assim nas propriedades para os fazendeiros, ai ele foi trabalhar pra esse fazendeiro e ai o pai da minha mãe conheceu ela ai com o tempo se apaixonaram e ai assim o conhecimento deles se acabou se casando.

Entrevistador: *Tá e, quanto ao relacionamento, quantos filhos?*

Entrevistada: Eles tiveram 5 filhos, é um casal e ai depois veio eu um casal mais velho e um casal mais novo.

Entrevistador: *Certo. É quanto a educação seu período de juventude como você pode definir ela?*

Entrevistada: Assim, como já citei que a gente morava no interior era lugares assim meio difícil, eu vim alfabetizar já com 10 anos de idade a gente morava em uma região aonde não

tinha professor, não tinha escola com 10 anos que eu, quando eu tinha 10 anos foi a primeira que eu fui na escola é a nossa comunidade os pais conheceu um professor e ai ele dava aula em uma comunidade vizinha ai naquele período férias três meses de recesso eles pagaram esse professor particular, foi quando alfabetizou é um grupo de aluno e ai eu tava presente, nesses três meses eu fui alfabetizada, ai ficamos um ano sem escola, e ai contratou esse mesmo professor que vei no ano de 80 por aí mais ou meno foi quando eu fui alfabetizada.

Entrevistador: *Sim, e a sua juventude como é que você pode dizer?*

Entrevistada: É foi também assim, já no ano de 80 eu tinha 10 ano então já tava adolescente então a juventude também foi nesse período que começou, era um lugar simples, era nessa época eu já morava, era Goiás ainda, mas já em Guaraí num lugar 48 quilometro distante da cidade, então era assim, um lugar muito simples, a gente tinha a escola e ai da escola o que a gente tinha de lazer era um domingo a tarde vim num campim de futebol ver os garotos jogar, meus irmãos com os irmãos das minhas colegas, ai de vez enquanto algum evento né, naquela época o pessoal gostavam muito assim, de se reunir os homens pra ajudar uns aos outros no trabalho eles chamava de mutirão né, convidava os vizinho e ai marcava um dia, mas no fim de semana, ai durante o sábado durante o dia eles trabalhava ajudando ali né no roçado, na roça né suas atividades ai como tava todo mundo reunido a noite se juntava todo mundo pra se divertir entre si né! A gente ia aquelas festinhas do interior dançava, era assim, a nossa forma de divertir nesse período.

Entrevistador: *Certo! É como ocorreu esse processo de migração pra o PA aqui hoje presente, Liberdade?*

Entrevistada: Primeiro a gente veio descendo do sul para o norte né! Hidrolina é uma cidade onde eu nasci, é uma cidade perto de Goiânia, de lá a gente vei pra Guaraí, onde eu passei minha adolescência e de Guaraí a gente vei pro município de São Geraldo né, que foi em 84 a gente vei pra São Geraldo no município de São Geraldo e em 95 foi que eu vim aqui pro município de Marabá.

Entrevistador: *Certo! O que levou essa migração aqui pra esse município?*

Entrevistada: É quando a gente veio pra Marabá eu vim de São Geraldo Ra uma comunidade aqui próxima, divide aqui com essa região que é o água fria, a Cristalândia, meus pais morava lá então a gente tinha muito deseja, sempre trabalho de empregado, também tinha o desejo de ter também um lugarzinho né então essa comunidade que a gente ta hoje, na época já tava a notícia La que tava o pessoal já tava aqui conquistando sua terra, então a gente tinha um desejo de ter um lugarzinho a gente vei pra casa do meu pai na Cristalândia que tava próximo

e com o apoio dele, dos meus cunhados que já conhecia a região, seria a maneira mais fácil da gente né vim para aqui nessa comunidade.

Entrevistador: *Certo! É a partir do momento que você chegou nessa comunidade, você conhece um pouco da história dela, o que você pode nos colocar?*

Entrevistada: Bom, ao saber da comunidade que a gente queria vim pra cá e aí a gente conheceu algumas pessoas que já tava aqui como meu cunhado Edilson e aí ao chegar a gente conheceu também a família dele, tinha alguns irmãos, tinha outro morador o Edgar, Flavitânia que foram as pessoas mais próximas quando a gente chegou e no dia, é na véspera de natal de 95 aí teve um evento aqui na comunidade que já tinha passado o período de conquista da terra e as famílias já tava já se integrando na comunidade, fazendo já suas casas, suas aberturas, então a gente veio até por causa de uma notícia que a gente ficou sabendo que o pessoal tava procurando professor e a gente tava procurando trabalho, não porque tinha uma capacidade assim tão, mas a gente procurava uma coisa assim pra nos apoiar pra gente ter um começo então foi essa as razões que nos trouxe a chegar nessa comunidade.

Entrevistador: *Pelo que você coloca, pela necessidade, você foi a fundadora da escola do assentamento?*

Entrevistada: Isso, então ao chegar a gente começou a conversar tinha também um rapaz que apoiou muito a comunidade nessa época, é o Daniel de Marabá, ele era candidato na época então conheci ele através da professora Maria de Jesus da Cristalândia que nos apresentou lá na Cristalândia mesmo, então nesse dia véspera de natal de 95 a gente encontramos aqui na no trevo que é o polo é referencial aqui da comunidade onde tem a escola hoje construída, a igreja, então a gente se encontrou lá, eles fizeram um evento nesse dia tanto pra confraternizar e pra se divertir também, e aí esse Daniel candidato veio, então a gente marcou, ele, a gente conversou e ele marcou um encontro comigo em Marabá e ele me levou apresentou pra Secretária de Educação, na época era a Bernadete e aí a Bernadete com sua equipe nos fez um teste classificatório e a gente alcançou a nota, então foi aí que a gente começou a história da escola no PA/Liberdade.

Entrevistador: *Como você coloca, começou a história da escola, como se iniciou esse período da escola? Foi fácil, difícil, qual foi os meios pra fundar realmente essa escola?*

Entrevistada: Foi muito difícil na época porque a comunidade tava em começo a gente não tinha estrada, a gente não tinha conhecimento em Marabá, então esse candidato a vereador Daniel de Marabá ele nos apoiou muito, nos levou apresentou a secretária de educação a Bernadete, e aí a partir daí a gente foi conhecendo algumas pessoas, Por exemplo: não tinha meio de transporte, não tinha estrada e quando a gente tinha que trazer algum material o

Daniel através do conhecimento dele entrava em contato com o pessoal do incra e aí conseguia uma camionete, naquele tempo uma Toyota e aí às vezes trazia o material, às vezes de carona com os fazendeiros, o fazendeiro vizinho que é o doutor Nicomedes oftalmologista de Marabá, tem também o seu Antonio Caetano que é o seu nenezão fazendeiro também, doutor Luivan então essas pessoas nos ajudaram muito na época, transportando, dando carona, nos levando e trazendo material e foi assim o começo desse começo não foi fácil, foi muito difícil!

Entrevistador: *Quando iniciou a escola até que série ela oferecia?*

Entrevistada: Era de primário, de 1ª a 4ª série né, foi no ano de 96 foi o primeiro ano. 20 de Janeiro de 96 foi o primeiro dia de aula, que começou a escola no PA/Liberdade.

Entrevistador: *Quando vocês iniciaram essa escola ela recebeu uma estrutura, que tipo de estrutura física ela recebeu?*

Entrevistada: Bom, pra começar, tinha um morador da comunidade que cedeu um barraco que ele tinha, ela era um barraco de palha coberto com ubim, tinha só um comodozim que era fechado de palha que era o apoio da professora e uma área aberta, onde tinha umas tabuas sobre uns troncos e uma mesa, onde a gente mesmo fez. Um forquilha é no chão com umas tabuas em cima era essa a estrutura da escola na época!

Entrevistador: *A partir do momento que você coloca a questão dessa estrutura e aí houve um processo de mudança dessa estrutura física?*

Entrevistada: Sim, claro! É a gente fazia reunião convidava os pais e a gente marcava reuniões conversava então todo mundo muito interessado todo mundo interessado disposto também, aí eles se juntava em mutirões, eu já citei antes como é feito mutirão junta todo mundo e vem tira a madeira, e naquela época eles usavam muito era fazer a telha da própria madeira, recortava pedaços pequenos quadrados, retangular, e aí no formato assim, de uma sobre a outra ia formando aquele telhado, então eles se juntaram e tirou a madeira e aí levantou a estrutura de um barraco maior coberto com essas tabuinha, chamado naquela época cobertura de cavaco e nessa época surgiu um dinheiro que a secretaria de educação repassava pra as escolas que era pra concerto, pra construir alguma coisa que tivesse necessitando e, com esse dinheiro nós compramos as tabuas as ripas, e aí as tabuas era pra fechar a escola e as ripas era pra apoiar tanto na cobertura quanto fechar em volta também. Esse dinheiro a gente tando no segundo ano, e no primeiro ano levantou o barraco no final do ano já tava coberto, e esse primeiro ano 96, 97 aí construímos os bancos pras crianças sentar e cavou o poço que dava apoio no abastecimento de água.

Entrevistador: *Quer dizer, essa contribuição foi da própria comunidade pra ver a progressão do próprio setor principalmente na área da educação?*

Entrevistada: Isso! Foi a própria comunidade né, a ai teve também assim um pouco desse dinheiro que em 96 foi passado, um pouco em 96, um pouco em 97, ai serviu muito foi muito valido porque a gente teve esse apoio, e ajudou na construção da escola.

Entrevistador: *É como educador na própria escola era quantos?*

Entrevistada: Era só uma professora, no caso eu!

Entrevistador: *De La pra cá houve mais algum apoio pra alguma mudança no espaço físico da escola?*

Entrevistada: Sim! Na gestão do Doutor Veloso ai eles construíram a escola veio mesmo material tudo, hoje tem uma escola bem estruturado né, construída, coberta de telha, água encanada, energia elétrica, na época não tinha energia, mas ai tanto a prefeitura como a comunidade. Ai nessa época quando construiu a escola na gestão do Doutor Veloso eu já não tava mais na escola, o meu período foi só 3 anos, foi 96, 97 e 98. Ai no ano do Doutor Veloso, não to bem lembrado o ano, a época, mas foi na gestão do Doutor Veloso, na época que ele foi prefeito em Marabá, e ai então foi construída a escola, hoje ela ta uma escola até bem estruturada.

Entrevistador: *Pelo que a gente ver, nesse período de sofrimento, principalmente de fundação da escola, de assentamento, de pessoas chegando de outros setor, como era feito o transporte desses alunos?*

Entrevistada: Não era assim, era independente, cada aluno ele chegava a escola da maneira que podia né, se tivesse bicicleta, vinha de bicicleta, quem não tinha bicicleta, era caminhando mesmo, aquele que tivesse moto, chegava de moto, era assim, não era, a prefeitura não dava apoio de transporte, todo mundo chegava da maneira que podia.

Entrevistador: *Hoje ela já oferece um nível maior de educação?*

Entrevistada: Sim! Hoje já tem o ensino fundamental completo né? E ai tem também uma instituição particular que dá apoio trazendo curso de magistério, mas esse é particular.

Entrevistador: *Certo! E quanto ao educador, hoje é correspondido por quantas pessoas?*

Entrevistada: Há hoje é no ano atual tem diretor, tem professor, dois ou três professores, tem serviços gerais, tem o guarda lá na escola, então ta bem ampliado o quadro de funcionários lá na escola e melhorou bastante.

Entrevistador: *E quanto a esses alunos que concluem o ensino fundamental, qual o deslocamento pra cursar o ensino médio?*

Entrevistada: É depois que eles terminam o ensino fundamental aqui no PA/Liberdade, ai os que não querem sai aqui da região eles vai pra uma comunidade aqui vizinha que é a Pataua, lá já tem um colégio que tem o ensino médio né, então eles vão de moto e os que não

querem ficar pra assim, porque as vezes nem todos tem a condição de ir pra fazer essa viagem todo dia, acho que é quase 20 quilometro então eles tem que sai 2 3 horas antes do início da aula pra chegar lá no momento e no final da aula na hora que termina a aula pra chegar em casa tem esse período ai nem sempre as vezes uma garota não pode fazer esse trajeto só, ai os que não pode fazer isso tem que ir pra cidade. Hoje aqui já tem numa comunidade aqui vizinha um ônibus que vai pra São Domingos levar os alunos, então eles tem que pegar a moto andar uns 15 a 20 quilômetros também, chegar lá eles deixa a moto, e ai na casa de algum numa vila que tem próximo, uma vila do água Fria, e ai eles pega o ônibus vai pra escola, termina a escola ai volta pra casa pega a moto vem chegar em casa já é a noite, as 7 hora da noite.

Entrevistador: *Certo! Quando você coloca a questão dessa viagem, desse percurso e de todo difícil acessos que vocês tiveram hoje a gente analisa que a escola desenvolveu muito, principalmente quanto ao quadro de locomoção do aluno pra escola, mas o que eu quero que você coloca pra gente a questão dos educadores, hoje eles já tem uma formação?*

Entrevistada: Sim! Claro, hoje a maioria dos educadores que vem hoje é, tem deles que é concursado, outro é formados! Então hoje o município já tem uma classificação bem ampla sobre seu quadro de funcionário e aqui o PA/Liberdade já tem o privilégio de contar com profissionais que já tem um conhecimento já bem avançado.

Entrevistador: *Digamos o caso do professor Raimundo Nonato que é formado na Educação do Campo!*

Entrevistada: É professor Nonato começou tava cursando ainda e agora nesse ano de 2014 ele concluiu a Educação do Campo, é a notícia que eu tenho até meu conhecimento a noticia é isso mesmo.

Entrevistador: *Você hoje que já foi educadora da própria escola, você acha que o conteúdo ta atendendo a necessidade principalmente do aluno do campo?*

Entrevistada: É isso é um assunto que é bastante discutido, não só no momento hoje sempre vem sendo discutido durante todo período é um assunto que vem e o município e a própria educação vem tentando melhorar cada vez mais né! Mas hoje quando a gente pega é numa sala de aula na comunidade, quando a gente ver o desenvolvimento do aluno (neste momento se houve barulho de uma galinha que estava bem próxima) é algo que ta melhorando no meu ponto de vista é algo que ta melhorando a cada dia.

Entrevistador: *Correto! É o que você pode fazer assim, um memorial descritivo da própria escola, do início para os dias atuais?*

Entrevistada: Eu acho que é como assim! Uma conquista muito grande, uma história de conquista muito grande pela forma que começou, como começou, quando começou, a estrutura que a comunidade tinha né, a luta que todos tiveram, a expectativa que todos trabalharam e vem trabalhando, é claro que hoje ainda tem suas dificuldades, mas já melhorou bastante, hoje já temos assim, um avanço muito grande.

Entrevistador: *Quando você faz essa colocação a gente volta a olhar a realidade, digamos que seja uma mudança totalmente na própria comunidade. E quando a gente se refere a essa mudança a gente quer dizer que também houve grandes avanços em outras áreas, você pode destacar algum?*

Entrevistada: Claro! Na própria, de desenvolvimento assim de cada propriedade né de cada morador. No começo, quando todos chegaram era muito difícil tava desbravando ainda era tudo mato, aí cada um foi colocando seus lugazim, foi desmatando, foi fazendo as suas aberturas, começou a cultivar, começou a criar suas criações, hoje tá todo mundo assim, claro que tem muitas dificuldade, mas já tá todo mundo assim, um pouco estruturado, já tem suas criações na sua propriedade, já tem sua renda, não é muito grande, mas já tem sua renda. Hoje nós já temos energia elétrica, a estrada é que ainda tem uma dificuldade muito grande porque isso não é só nossa comunidade, a gente ver que isso é uma forma geral, principalmente no Pará, mas é assim, em termo de estrutura na estrada, nas pontes, essas coisas, mas hoje a gente tá bem mais estruturado e é hoje tá todo mundo mais tranquilo em seus lugar.

Entrevistador: *Quando você colocar a questão da estrutura, isso quer dizer que isso se deu a partir de uma ação ou luta dos moradores que lutas foram essas?*

Entrevistada: A tá! É assim, no decorrer do tempo as lutas para essas conquista, foi formado uma associação, e a partir dessa associação é que a gente vai em busca das lutas né, lá em Marabá através dos políticos é que a gente, as benfeitoria que a gente precisa aqui, tipo interceder diante do incra né dos órgãos competentes, então nós temos uma associação aqui que ajuda muito nessa parte.

Entrevistador: *Quando você colocou a questão de energia, estrada, quais foram os órgãos que vinheram favorecer vocês quanto esses elementos, energia e estrada?*

Entrevistada: Primeiro nós fizemos a estrada, a estrada, ela foi construída uma parceria da prefeitura com o incra, isso eu acho que no ano de 2008, eu acho, não tenho total certeza, mas se não me engano eu acho que foi em 2008 que eles fizeram essa estrada uma parceria do INCRA com a prefeitura e a energias a primeira energia a entrar aqui no PA ela foi particular tinha uma empresa partícula e a gente soube, aí todo mundo queria o pessoal da associação o pessoal de Marabá já tinha batalhado muito, já tinha ido até em Belém num evento que teve

pra ver a questão dessa energia, eles tinha prometido que até no ano de 2012 vinha a energia para todos e no ano de 2012 a energia ainda não tinha chegado então em 2013 juntaram os moradores dos que estavam interessados e ai pagaram uma companhia particular pra poder trazer energia aqui pro PA. Quando foi no ano de 2014 ai a energia para todos entrar, quer dizer tinha um ano e meio, mais ou menos que tinha a energia particular ai quando a energia para todos entrar construiu um lião e hoje nós decidimos ficar com energia para todos, hoje é a energia que nós temos.

Entrevistador: *Vocês colocaram uma energia no primeiro momento particular, um ano e pouco veio outra que é fornecida diretamente pela empresa, no caso vocês tiveram uma perda de valores.*

Entrevistada: *É foi porque devido a assistência que a energia para todos dá, ai o pessoal da comunidade achou melhor desativar a particular e ficar com a energia para todos, foi realmente porque a energia pra colocar particular ela fica um pouco cara, então foi uma queda de valores e as pessoas que não perdeu, quando terminou vendendo a sua fiação.*

Entrevistador: *Certo! Vamos voltar um pouquinho sobre o histórico da comunidade, que como a gente tava falando na comunidade você colocou uma questão de que muitos moradores batalharam, lutaram muito pra chegar onde está. Como você ver hoje essa própria comunidade, principalmente esses próprios moradores, você acha que houve uma progressão?*

Entrevistada: *Sim, Claro! Eu acho que na medida em que todos vão, vai progredindo de uma forma geral né, na maneira que eles vão melhorando a estrutura de cada lote vai progredindo também claro!*

Entrevistador: *Aqui dentro do próprio assentamento qual é a maior renda de produção hoje?*

Entrevistada: *Hoje é o leite porque no início foi desbravando, cada um nos seus lotes, fazendo plantações era a agricultura, ai essa agricultura a gente ainda teve vários projetos de agricultura permanente, mas devido a carência de estrada né pra tirar esses produtos não era muito viável, e muitas coisas também precisavam de irrigação e devido a falta de energia na época não era viável então todos optaram pela pastagem e naturalmente veio as vacas leiteiras e ai a renda hoje a maioria é leite.*

Entrevistador: *Se tem produtor (agricultor) ainda é pouco né?*

Entrevistada: *Não é! É muito pouco a produção agrícola aqui no PA é pouco.*

Entrevistador: *Quando nós colocamos a questão das estradas você falou que o incra trouxe 8 quilômetros de estrada e o outro percurso com destino a cidade?*

Entrevistada: É aqui a gente usa assim, dois lugar pra gente ir pra cidade, em Marabá que é o nosso município que é aonde a gente vai sempre tratar das partes burocrática em termos de documentação essas coisas e São Domingos quando é na parte comercial, comercial de São Domingos é a parte mais perto né. Pra Marabá aqui do PA pra gente ir pra Marabá é 63 quilômetros e pra São Domingos é 40 então a parte comercial pra São Domingos é mais próximo e hoje a gente tem quem tem sua caminhonete, já tem sua estrada, então quem tem seu automóvel que é próprio vai quem não vai de moto, quando não de moto nós temos hoje um vizinho que tem uma S350 ai duas vez por semana ele faz a linha né pra São Domingos, ai o carro vem pela manhã no PA pega os passageiros leva até o São Domingos, ai a tarde passa de volta, trazendo de volta os morador, que foi na rua fez suas compras e etc.

Entrevistador: *olhando um pouco sobre o quadro da educação, gostaria que você falasse pra nós o seguinte: como você se sente hoje sendo a primeira educadora do assentamento?*

Entrevistada: É, é um privilégio né, porque só em imaginar que eu fiz parte da história desse lugar e ai a gente ver o avanço, a melhora, então é assim, um privilegio porque quando a gente ver uma conquista você fazendo parte daquilo é gratificante pra gente, eu me sinto assim, honrada né porque tive essa oportunidade e hoje a gente ver todo mundo empenhado, cada pessoa que vem trabalhar a gente ver a luta do educador e é então é assim ter feito parte de tudo isso pra mim é gratificante.

Entrevistador: *Nós ainda não colocamos o nome da escola, gostaria que você colocasse o nome da escola e fizesse uma justificativa o porquê desse nome?*

Entrevistada: Bom! É o nome da escola é Jardim da Esperança, quando no começo que a gente falou sobre o assunto e a gente fez quando fomos ser apresentada, a secretaria de educação quando ele perguntou se eu já tinha o nome de uma certa forma foi uma surpresa eu falei que ainda não tinha de um certa forma fui pensar sobre o assunto e eu não tive oportunidade de sentar com a comunidade pra poder decidir se a comunidade já tinha um nome escolhido ou pra gente decidir junto, então eu pensei uma coisa que trouxesse assim, que desse assim uma luz uma esperança algo assim que fosse inspiração, ai veio esse nome pensei em alguns nomes, mas nada assim e, veio esse nome Jardim da Esperança que foi uma coisa que trouxe assim: animo pra todo mundo, esperança, algo que trouxesse assim que fosse sabe? Então veio esse nome ai ficou, na hora lá e ai não tinha tempo pra escolher e pensar ai foi esse nome que veio ai foi colocado, Jardim da Esperança.

Entrevistador: *Hoje como é que você ver o olhar das políticas publica voltada nem só para o PA, mas a nível nacional?*

Entrevistada: Há falar em política nesse momento que a gente tá passando no país é complicado né! Não só pro PA, mas a nível nacional é muito complicado, eles tentam trabalhar mas é um conjunto de coisas né, então é muito difícil, a gente tá atravessando um período político muito difícil em nosso país então eles tentam trabalhar mas são muito lentos aí as questões a ser trabalhada então quando os benefícios chega demora muito porque a burocracia é muito grande até acontecer algo pra chegar até a nós.

Entrevistador: *Você acha que devido à falta de atenção das políticas aqui deixou algo a desejar por falta de envolvimento deles mesmos?*

Entrevistada: A sim, claro! Principalmente na estrutura onde estamos falando da estrada, nós temos um lugar aqui que é a divisão dos municípios, município de Marabá pro São Domingos a divisa é um garapé chamado Patauí o lugar que tem uma ponte então já tem uns três quatro anos que se não me engano hoje viu o noticiário até no jornal mesmo em papel que já tinha feito a parceria os municípios São Domingos e Marabá a parceria pra fazer essa ponte por que ela envolve em fazer um aterro muito grande então essa ponte nunca foi feita, então é assim, sempre a gente houve notícia não vamos tá trabalhando em cima disso vamos tá lutando é a parte burocrática, então assim, já tem uns dois anos ou mais que a gente tem esse projeto ganho e nunca foi concluído e sempre a gente houve dizer não é porque depende da parte burocrática e nunca acontece, então é assim, sempre há, sempre fica a desejar a atenção deles pra os municípios pra as comunidades.

Entrevistador: *Sim! Gostaria que você fizesse uma explanada sobre os momentos de maior tristeza dentro desse assentamento?*

Entrevistada: Há quando fala de tristeza é meio difícil viu! Mas crio assim, na época que perderam desde a luta a conquista da terra, então perderam alguns dos que estavam juntos lutando depois de já todo mundo em seus lugar e aí com o tempo acontece a perda de alguns sempre abala todo mundo, essa é uma grande tristeza assim, na parte da perda de alguns companheiros.

Entrevistador: *E o que você colocar de maior alegria?*

Entrevistada: A maior alegria foi a conquista que chega, foi a liberação do PA na época, se não me engano 2008 que veio, assim, oficialmente mesmo o PA/Liberdade, aí foi ali no papel oficialmente registrado PA/Liberdade né documentado e tudo aí depois a parte da escola também, hoje a gente já ver o município com uma atenção maior, o quadro de professores ampliado porque naquele tempo era muito difícil né! Então hoje nós já temos né na parte da religião tem as igreja então hoje a gente já tem um apoio maior da sede, então tudo isso é um momento de conquista né e traz bastante alegria pra comunidade.

Entrevistador: *Tá! Quando você colocou a questão das igrejas, como surgiu as igrejas aqui?*

Entrevistada: No ano de 96 mês de julho teve o primeiro culto aqui evangelístico na região, teve no mês d abril de 96 veio um morador ali da Fortaleza, o irmão João Mariano com sua esposa irmã Diva e seus filhos, ai tinham conquistado lote aqui, juntamente com os outros, ai eles vieram morar aqui, ai então através deles veio o pastor lá do povoado de Fortaleza, o pastor Emanuel Esteve do Amaral, ai no mês de julho, mês de férias eles vieram fazer um culto evangelístico aqui até mesmo por causa devido o tempo o mês de julho ai a chuva já param e ai fica melhor pra transitar nas estradas, ainda não eram estradas, eram só aqueles arrastões que fazem pra os madeireiros tirar as madeiras porque era praticamente mata, então nessa época já não tem mais né! A terra já firme já dá pra passar, então no mês de Julho foi praticamente o primeiro culto evangelístico no ano de 1996 e teve também no mês de Agosto dia dos pais, segundo Domingo de Agosto, teve também uma celebração da igreja católica, onde a Marenilde que era esposa de um dos moradores na época, ai ela trouxe com apoio da comunidade Cristalândia que ela auxiliava lá a professora Maria de Jesus que era dirigente na comunidade lá naquela época, então ela morava lá e auxiliava, então ela tinha uma experiência e trouxe essa experiência pra comunidade né e foi ai que começou a igreja católica também.

Entrevistador: *Hoje atualmente atua as duas igrejas, como tá a evolução delas?*

Entrevistada: É hoje graças a Deus de lá pra cá vem evoluindo bastante, hoje a igreja assembleia de Deus já tem uma igreja construída né já comprida mesmo, ela foi construída tem uns cinco a seis anos que ela foi construída e os membros todos da igreja se juntaram é em doações e arrecadaram material e ai construíram a igreja, ai o pastor da sede veio fez um evento, fez a inauguração da igreja né e a igreja católica também, ela também é uma igreja construída de vez enquanto tem evento, o padre vem fazem missa, tem evoluído bastante.

Entrevistador: *É pelo que você coloca, as igrejas promovem eventos anual, você pode destacar alguns?*

Entrevistada: A assembleia de Deus, ela sempre gosta de comemorar confraternizar as datas comemorativas e no final do ano ela sempre tem, não é todo ano que tem festa assim, congresso, essas coisas, mas no final do ano, todo ano ela tem uma vigília no final do ano. Dia 31 ela reúne todos os membro até na parte administrativo porque todos faz o relatório de suas atividades pra fechar o ano pra no ano seguinte começar um novo ano uma nova ata e, a igreja católica ela faz alguns eventos, mas não sei se tem data exata de festejo, essas coisas, mas sei que quando tem missa, tem batizados e comemorações assim de confraternização;

Entrevistador: *Como você pode falar pra gente hoje, como é o convívio entre as pessoas das religiões: da católica e evangélica?*

Entrevistada: Não! Graças a Deus nossa comunidade tem uma confraternização até entre as duas congregações, aí quando a gente tem festa, eventos lá na assembleia que eu sou da assembleia, a gente convida muito nossos vizinhos, e comparece e quando eles têm eventos aqui e a gente não tem lá a gente recebe eles gosta de evangelizar também, aí vem a gente recebe eles, assim, eles gosta de evangelizar, fazer o trabalho de evangelização nos lares e quando acontece a gente vem poder receber que eles passa nos lares a gente recebe eles também, então graças a Deus a gente tem um convívio harmonial, graças a Deus.

Entrevistador: *Trabalham o lado ecumênico, onde todos trabalham sem distinção de raça, cor ou religião onde um sabe respeitar o outro. É Euza, fazendo um apanhado geral o que você pode colocar assim, sobre a realidade da comunidade, como você se sente hoje com a família, com os moradores, que você ver de melhor? Que qui você espera futuramente?*

Entrevistada: Eu assim, como tenho falado melhorou muito, mas ainda a comunidade anda muito carente, é estrutura, é o transporte essa estrutura da estrada pra as pessoas se locomover, pra tirar a renda por que hoje é como tenho falado da estrada, as vezes né o pessoal que vem da assistência pra pegar a produção de leite tem muitas dificuldades na estrada, então o que a gente espera é que o município de Marabá olhe um pouco mais pra as comunidades, principalmente pra nossa, dá uma atenção maior ne, pra que a gente venha ser mais assistido nessa parte, desenvolver mais e atividade né nessa parte pra melhorar nossa comunidade.

Entrevistador: *Você fez uma colocação que gerou uma pergunta! É quanto a saúde, como essa saúde é atendida aqui?*

Entrevistada: O nosso PA mesmo não tem assim, uma assistência na área da saúde né, já foi até alguns fez o concurso pra saúde mas ainda não chegou um agente de saúde pra dá assistência dentro do nosso PA. Quando acontece da gente adoecer particularmente procura a cidade, procura o posto de saúde mais próximo que ache que é daqui uns 20 quilômetros, acho que na vila São José São Domingos é o posto de saúde mais próximo, ou então, na vila Sororó que é no 35, também vai da uns 40 quilômetros. São esses lugares que a gente procura quando alguém sente alguma coisa que não vai diretamente no médico. Então aqui dentro do nosso PA mesmo assistência de saúde nós não temos.

Entrevistador: *Euza, gostaria de agradecer a participação, a contribuição que foi essencial para produção desse relatório.*

Entrevistada: Há eu que agradeço. Foi muito bom lembrar tudo isso, falar um pouco da nossa história, espero que com isso, chegue aos ouvidos dos órgãos competentes que pode ver e ouvir um pouco mais da carência dos lugares. É muito bom lembrar o que a gente foi, a todas as nossas conquistas e na posição que nós estamos hoje. Obrigada.

Entrevistador: Obrigada a você e uma boa tarde!

Entrevistada: Brigada, bom trabalho!